



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS – TEF**

**PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO:
ENSINA-SE POR DEVER, APRENDE-SE POR AMOR.**

Maria Cláudia Aguiar da Silva

Brasília/DF

2016

Maria Cláudia Aguiar da Silva

**PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO:
ENSINA-SE POR DEVER, APRENDE-SE POR AMOR.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia,

Orientador: Prof^o. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Brasília/DF

2016

MARIA CLÁUDIA AGUIAR DA SILVA

**PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO:
ENSINA-SE POR DEVER, APRENDE-SE POR AMOR**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof^o. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Brasília/DF

2016

**PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO:
ensina-se por dever, aprende-se por amor**

MARIA CLÁUDIA AGUIAR DA SILVA

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, defendida em 29 de julho de 2016. Banca Examinadora constituída pelo professor e professoras:

Profº. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha (Orientador)
Universidade de Brasília

Profª. Pós Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida
Universidade de Brasília

Profª. Mestre Katilen Machado Vicente Squarisi
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Profº. Dr. José Luiz Villar Mella
Universidade de Brasília (Suplente)

Brasília/DF
2016

Dedico este trabalho a todos os educadores que fizeram parte da minha história e deixaram marcas que me levaram a trilhar o caminho que percorri e me trouxeram até aqui.

Dedico também às crianças que conheci e que me inspiraram a pensar as questões aqui desenvolvidas e também às crianças que não tive e provavelmente não terei a chance de conhecê-las, mas é por todas elas que me empenho nesta pesquisa e profissão.

E de forma muito especial, dedico este trabalho à criança que me acompanhou em todo este processo final de conclusão do curso de Pedagogia e da pesquisa aqui apresentada, meu filho Eduardo Bongardii.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Maria do Socorro e José Cláudio, que me permitiram a vida e me acolheram com amor. Que pelo apoio, esforço e investimento a mim propiciados foram essenciais para que eu alcançasse esta dentre tantas outras vitórias.

Agradeço à minha irmã Raquel, que amigavelmente cúmplice desta minha jornada me deu apoio, força e calma para gestar este trabalho e o Dudu.

Agradeço ao meu parceiro Wesley paciente e dedicado à nossa nova família. Quem me ensinou sobre persistência, disciplina e dedicação valores que aprendi que podem me levar mais longe em meus projetos de vida.

Agradeço às minhas primeiras professoras Fabíola e Vilma, que fizeram dos meus primeiros anos escolares memoravelmente agradáveis.

À atenciosa coordenadora pedagógica Sarah, à criativa professora Ana Paula da 4ª série, à incentivadora professora de Português da 6ª série, Keila, à rígida professora Ana Paula de Geografia da 6ª série, à doce professora Márcia de Ciências Naturais da 6ª série, à exigente professora Vera Mendes de Educação Física e natação, à acolhedora professora Daniela de Ciências da 7ª série, ao divertido professor Ubaldo de Ciências da 8ª série, ao genial bem-humorado professor Geraldo de Português da 8ª série, ao professor de História e amigo Wagner Júnior do 3º ano do ensino médio, à tranquilizadora professora Gabrielle Avelar do ensino médio, à sensível professora Francilene de Sociologia do ensino médio, ao apoiador professor Daniel de Física do ensino médio, às incríveis professoras de artes cênicas e visuais, Vanessa di Farias e Rogéria do ensino médio, ao animado professor Glauber de inglês, ao dedicado professor Helder de espanhol, à inspiradora professora Luci de francês, à disciplinada professora Adriana Lodi de teatro, pois todos estes educadores me marcaram profundamente a dimensão afetiva, me deram apoio, me mostraram minhas capacidades, me ajudaram a desenvolver minhas habilidades e que provavelmente nem sabem como sua dedicação a lecionar me impulsionaram a estudar e desejar trabalhar com educação, com a excelência que os vi trabalhar. Apresentaram a mim qualidades que desejo cultivar em minha índole. Agradeço também aos professores (as) que de alguma forma apresentaram qualidades

que julguei negativas, pois assim pude perceber o que não desejo ser ou fazer como educadora. Estes também foram mestres.

Agradeço a turma SS (1/2011) pela acolhida amigável, por terem sido rede de apoio como o professor Armando nos ensinou. Apoio este que foi essencial para que eu chegasse até aqui, alcançando esta vitória.

Agradeço ao educador Armando Veloso, que em suas aulas vi a dimensão do afeto ser considerada e respeitada. Seu jeito sensível me deixou marcas tão profundas que aumentaram minha vontade de educar para além dos conteúdos sistematizados.

Agradeço à educadora Alexandra Militão Rodrigues, que respeitando o meu tempo de aprendizagem me emocionou em sala. Em sua prática ensinou que cada educando tem o seu tempo e ritmo de aprendizagem, preciosa lição para mim.

Agradeço à educadora Inês Maria Almeida, que por meio dela e da Psicanálise pude alcançar meu objetivo inicial e propósito ao ingressar em Pedagogia: compreender de que forma aprendemos.

Agradeço ao educador Paulo Bareicha que acreditou em mim mesmo quando eu desacreditei. Com bom-humor e experiência me deu apoio acadêmico, psicológico, emocional essenciais para o alcance desta conquista.

Agradeço à educadora Katilen que com carinho, sensibilidade e competência prestou grande auxílio a escrita deste trabalho.

Agradeço aos excelentes educadores humanos que tive a honra em conhecer na imensa UnB: Ana Catarina Zema, Ana Maria de Albuquerque, Augusto Charan, Carlos Lopes, Cleyton Gontijo, Cristina Leite, Danielle Xabregas, Edeilce Buzar, Fátima Vidal, Fernanda Cavaton, Fernanda Müller, Ingrid Raad, José Villar, Lívia Borges, Luiz Araújo, Marco Aurélio Fernandes, Maria Helena Carneiro, Mônica Azevedo, Otília Maria Dantas, Patrícia Torres, Paula Cobucci, Renato Hilário dos Reis, Renísia Filice, Cristiane Portela, Ricardo Leyva, Sheila Schechtman, Simone Lisniowski, Solange Amato, Sônia Marise, Tadeu Maia, Teresa Cristina Cerqueira, Vera Freitas, Vinícius Armiliato, Viviane Legnani.

Agradeço às instituições Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho (CIL), Universidade de Brasília (UnB), Ministério da Educação (MEC) e Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que possibilitaram e acrescentaram à minha formação acadêmica.

Agradeço a cada um que conheci, porquê foi tendo cada um em minha vida que cheguei até aqui.

Agradeço a Deus pela vida. Por me permitir conhecer tantas pessoas incríveis que vieram somar em minha história, me ensinando as mais diversas lições...

“Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos... “sem querer””.

Sigmund Freud

APRESENTAÇÃO

Orientado pelo Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha, este trabalho faz parte da conclusão do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Tem como enfoque a relação da psicanálise com a educação e a transmissão de conteúdo, bem como transmissão afetiva inconsciente que acontece entre os sujeitos participantes desta relação de ensino-aprendizagem, aqui considero professor-aluno.

O trabalho está dividido em dois momentos, sendo assim uma monografia composta por pesquisa e análise de um referido tema.

Na primeira parte encontra-se o memorial educativo, onde narro minhas vivências escolares e pessoais, meu percurso acadêmico e minhas motivações para cursar Pedagogia e seguir a carreira de pedagoga.

Na segunda parte, encontram-se o problema de pesquisa, os objetivos, o referencial teórico, a metodologia utilizada para o levantamento de dados, a análise e a interpretação dos mesmos e as considerações finais.

A pesquisa foi feita a partir do curso de extensão denominado “O lugar do infantil na memória educativa: implicação e reflexão em escrita e ação” ofertado no primeiro semestre de 2016 em uma escola da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (DF), para as professoras/pedagogas das séries iniciais fazendo parte da segunda fase do Projeto 4 (estágio supervisionado) e Programa de Iniciação Científica (ProIC).

RESUMO

Este trabalho é consequência de uma pesquisa qualitativa fundamentada em teorias da Psicanálise, Sociopsicodrama e Educação. Estas são importantes áreas de conhecimento que nos auxiliaram na reflexão sobre o fenômeno educativo ensino-aprendizagem no âmbito da afetividade e da memória. Sentindo a necessidade e percebendo a importância destas áreas serem discutidas e articuladas em torno deste debate, busco aqui compreendê-las a fim de analisar a importância da dimensão do amor, da presença e da palavra na transmissão de ensinamentos e se há alguma forma do discurso amoroso na educação possibilitar a transmissão não padronizada, valorizando a dimensão inconsciente nas relações de ensino-aprendizagem. Parto do pressuposto que estas relações deixam marcas em quem as vivencia e que as dimensões acima citadas favorecem a transmissão de ensinamentos uma vez que somos sujeitos, visceralmente, afetivos. Observei que a maioria dos relatos das professoras/pedagogas e alunos (as) sobre suas memórias educativas eram de momentos que tiveram com seus pares ou professores (as). Notamos ainda que a escrita da memória educativa se mostrou um eficaz dispositivo de conscientização para os educadores de suas práticas pedagógicas e foi também através do Sociopsicodrama que exploramos e chegamos ao conhecimento das memórias afetivas dos sujeitos pesquisados, alcançando assim, o objetivo de reconhecer a importância das dimensões do afeto e da memória educativa na transmissão e aprendizagem dos sujeitos atuantes no cenário da sala de aula. Foram sujeitos desta pesquisa professoras/pedagogas do Ensino Fundamental I de uma escola pública e alunos (as) do 2º ano desta mesma escola localizada em Brasília-DF. Algumas das etapas de desenvolvimento da pesquisa foram: entrevista com professoras/pedagogas atuantes na escola lócus da pesquisa; leitura e análise de escrita da memória educativa das professoras/pedagogas atuantes nesta mesma escola; coleta da memória educativa dos (as) alunos (as) do 2º ano através de contação de história e desenho da memória educativa por eles relatadas.

Palavras-chave: Infantil; Memória Educativa; Psicanálise; Educação; Transmissão.

ABSTRACT

This work is the result of a qualitative research based on theories of Psychoanalysis, Sociopsicodrama and Education. These are important areas of knowledge that have helped us to reflect on the teaching-learning educational phenomenon in the context of affectivity and memory. If I feel the need and perceive the importance of these areas being discussed and articulated around this debate, I try to understand them in order to analyze the importance of the dimension of love, presence and word in the transmission of teachings and if there is Some form of loving discourse in education enables non-standardized transmission, valuing the unconscious dimension in teaching-learning relationships. I start from the assumption that these relations leave marks on those who experience them and that the dimensions mentioned above favor the transmission of teachings since we are viscerally, affectively subject. I observed that most of the teachers 'and students' reports about their educational memories were of moments they had with their peers or teachers. We also note that the writing of the educational memory proved to be an effective device for raising awareness among educators of their pedagogical practices. It was also through the Sociopsicodrama that we explored and came to the knowledge of the affective memories of the subjects studied, thus achieving the objective of recognizing the importance Of the dimensions of affection and of the educational memory in the transmission and learning of the actors acting in the classroom setting. Teachers / pedagogues of Elementary School I of a public school and students of the 2nd year of this same school located in Brasília-DF were subjects of this research. Some of the research development stages were: interview with teachers / pedagogues at the research school; Reading and writing analysis of the educational memory of teachers / pedagogues working in this same school; Collection of the educational memory of the students of the 2nd year through story counting and design of the educational memory they reported.

Keywords: Children; Educational memory; Psychoanalysis; Education; Streaming.

RESUME

Ce travail est le résultat d'une recherche qualitative basée sur les théories de la psychanalyse, Sociopsicodrama et de l'éducation. Ce sont des domaines importants de la connaissance qui nous ont aidés dans la réflexion sur le phénomène de l'éducation-enseignement et d'apprentissage dans le contexte de l'affection et de la mémoire. Sentant le besoin et conscient de l'importance de ces domaines sont discutées et articulées autour de ce débat, je cherche ici pour les comprendre afin d'analyser l'importance de la dimension de l'amour, la présence et la parole dans la transmission des enseignements et s'il y a une forme de discours aimer dans l'éducation permettent la transmission non standard, valorisant la dimension inconsciente dans l'enseignement et l'apprentissage des relations. Je suppose que ces relations laissent des traces sur qui les expériences et que les dimensions mentionnées ci-dessus favorisent la transmission des enseignements puisque nous sommes soumis, viscéralement, affectif. J'ai remarqué que la plupart des comptes des enseignants/pédagogues et étudiants au sujet de leurs souvenirs d'éducation étaient les temps qu'ils avaient avec leurs pairs ou des enseignants. Nous notons également que l'écriture de la mémoire éducative avérée un dispositif efficace de sensibilisation pour les éducateurs de leurs pratiques d'enseignement et a été aussi par Sociopsicodrama nous explorons et nous connaissons des souvenirs émotionnels des sujets, réalisant ainsi l'objectif de reconnaître l'importance les dimensions de l'affection et de la transmission de la mémoire et l'apprentissage de l'éducation des sujets agissants dans la salle de classe. Ils étaient des sujets de cette recherche de professeurs/pédagogues de l'école primaire à une école publique et les étudiants la 2e année de la même école située dans Brasília-DF. Certaines des étapes de développement de la recherche étaient: entretien avec les enseignants/pédagogues travaillant dans la recherche de l'école de lieu; la lecture et l'écriture analyse de la mémoire éducative des enseignants/pédagogues actifs dans la même école; la collecte de la mémoire éducative de étudiants 2e année grâce à la narration et la conception de la mémoire éducative, ils ont rapporté. **Mots-clés:** Enfants; Mémoire Éducatif; La Psychanalyse; L'éducation; Transmission.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una investigación cualitativa basada en las teorías del psicoanálisis, Sociopsicodrama y Educación. Estas son áreas importantes del conocimiento que nos han ayudado en la reflexión sobre el fenómeno educativo de enseñanza-aprendizaje en el contexto de afecto y la memoria. Al sentir la necesidad y darse cuenta de la importancia de estas áreas se discuten y se articula en torno a este debate, busco aquí para entenderlos con el fin de analizar la importancia de la dimensión del amor, la presencia y la palabra en la transmisión de las enseñanzas y si hay cualquier forma de expresión amor en la educación permiten la transmisión no estándar, la valoración de la dimensión inconsciente en la enseñanza y el aprendizaje de las relaciones. Asumo que estas relaciones dejan marcas en que las experiencias y que las dimensiones antes mencionadas favorecen la transmisión de las enseñanzas ya que estamos sujetos, visceral, afectiva. Me di cuenta de que la mayoría de las cuentas de los profesores / pedagogos y alumnos (as) sobre sus recuerdos educativos eran tiempos en los que con sus compañeros o maestros (as). También observamos que la escritura de la memoria educativa demostró ser un dispositivo de percepción efectiva para educadores de sus prácticas de enseñanza y también a través Sociopsicodrama exploramos y llegamos a conocer de las memorias emocionales de los sujetos, logrando así el objetivo de reconocer la importancia las dimensiones del afecto y la transmisión de memoria educativa y el aprendizaje de actuar sujetos en el salón de clases. Fueron sujetos de esta investigación los profesores / pedagogos de la escuela primaria a la secundaria y estudiantes público el segundo año de la misma escuela ubicada en Brasilia-DF. Algunas de las etapas de desarrollo de la investigación fueron: entrevista con los profesores / pedagogos que trabajan en la investigación de la escuela locus; leyendo y escribiendo análisis de la memoria educativa de los profesores / pedagogos activos en la misma escuela; colección de la memoria educativa del (los) alumnos (as) segundo año a través de la narración y el diseño de la memoria educativa, informaron.

Palabras clave: Niños; Memoria de la Educación; El Psicoanálisis; La Educación; Transmisión.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEF 03	Centro de Ensino Fundamental 03 de Sobradinho
CEF 06	Centro de Ensino Fundamental 06 de Sobradinho
CEM 01	Centro de Ensino Médio 01 de Sobradinho
CIL	Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DF	Distrito Federal
FE	Faculdade de Educação
MEC	Ministério da Educação
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
ProIC	Programa de Iniciação Científica
SEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
RESUMO	11
ABSTRACT	12
RESUME	13
RESUMEN	14
PROBLEMA DE PESQUISA	17
OBJETIVOS	17
OBJETIVO GERAL.....	17
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
MEMORIAL EDUCATIVO	18
INTRODUÇÃO.....	27
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
I. PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO	28
II. TRANSMISSÃO	29
III. MEMÓRIA EDUCATIVA	30
IV. O DESENHO INFANTIL	31
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	32
I. PROCEDIMENTOS.....	32
II. SOCIOPSIODRAMA	34
CAPÍTULO III	35
I. RELATÓRIO DOS ENCONTOS	35
II. ANÁLISE DE DADOS	54
CAPÍTULO IV	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	62
ANEXOS	70

PROBLEMA DE PESQUISA

A presente pesquisa tem como questionamento:

A afetividade influencia na transmissão de conteúdos sistematizados na educação formal e repercutem nos sujeitos professores-alunos envolvidos no processo ensino-aprendizagem?

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Reconhecer a importância das dimensões do afeto e da memória educativa na transmissão e aprendizagem dos sujeitos atuantes no cenário da sala de aula.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Ressaltar a importância da dimensão do amor, da presença e da palavra, na transmissão de ensinamentos.

Analisar se há alguma forma de o discurso amoroso na educação possibilitar a transmissão não padronizada, valorizando a dimensão inconsciente nas relações de ensino-aprendizagem.

MEMORIAL EDUCATIVO

Filha de uma cearense criativa para lidar com a vida e animada para aprender e um goiano que gosta de viajar e é incentivador e apreciador da leitura, nasci em 2 de junho de 1993 em Sobradinho-DF. Cidade que me acolhe e é cenário da minha vida pessoal e acadêmica desde o início, onde vivo e moro até hoje.

A memória mais antiga que tenho da escola é da creche filantrópica espírita que eu frequentava em Sobradinho. Nesta creche lembro de brincar com bloquinhos de madeira que formavam casinhas, como castelinhos e eu brincava sentada num chão lisinho de cera avermelhado. Lembro-me da professora Fabíola, amável professora. Não me lembro de uma palavra vinda dela, nem da sua voz ou de um gesto, mas tenho por ela grande amor, afeto. Com muito carinho guardo fotos de uma festa junina que participei, em especial uma foto que tenho com ela. Ali me sentia bem, eu adorava ir para a escola, lá eu tinha vários amigos, brinquedos e brincadeiras. Na festa junina eu vestia um vestidinho lindo, vermelho, com chapéu de trancinhas falsas, que para mim, me deixava ainda mais linda!

Como lembrança do meu primeiro dia na escola, minha mãe conta que eu estava muito animada e assim que cheguei na porta da escola eu soltei sua mão e entrei. Ela disse que 'morreu' de chorar ao me ver entrar sem ao menos dar "tchau". Acho que desde sempre a escola me fascina e grande é o desejo que ela me desperta em estar aprendendo, interagindo e claro brincando!

Outra professora que me lembro e me marcou muito era uma do Jardim de Infância 2, que eu também amava, professora Vilma do 3º período. Às vezes ainda a vejo em Sobradinho e é emocionante cumprimentá-la.

Lembro de vários momentos de brincadeiras, de lanchar em sala, até do aniversário do filho dela que toda a turma participou, dos banhos de mangueira na escola. Isso depois que a piscina da escola foi interditada por conta de uma cerâmica que quebrou e uma coleguinha da minha sala se machucou, mas lá tinha piscina e era o dia mais legal da semana para mim que adoro água! Aliás, este problema com a piscina só foi resolvido anos depois, quando minha irmã, 8 anos mais jovem que eu, estudava lá. Uma pena tantas gerações não terem

aproveitado este recurso da escola... Perto da piscina tinha uma casinha rosa, onde brincávamos. E guardo com muito carinho a amizade da Karine, minha melhor amiga desta época de pré-escola, que mesmo depois de anos nos encontramos numa rede social e percebo que o carinho e a amizade o tempo não destruiu apesar do distanciamento. Enfim, guardo ótimas lembranças desta escolinha.

O que me lembro do meu processo de alfabetização era de aprender as letras do alfabeto com a ajuda do meu pai, no computador que tínhamos. Era uma caixa branca! Moderna para a época, mas bem diferente dos computadores de hoje... Aprendi cedo a mexer na máquina e também a ler e a escrever, além de pintar e desenhar no programa paint, jogar paciência e pinball, pois eram as únicas atividades que dava para fazer e me interessavam já que ainda não tínhamos acesso à internet. Tenho saudade desses momentos. Aprender a escrever e ler usando o computador acredito que me ajudou a desenvolver com prazer essas habilidades.

Mais tarde, em 2000, fui para a escola ao lado do Jardim de Infância 2, o Centro de Ensino Fundamental 06 de Sobradinho (CEF 06). Nesta escola cursei da 1ª a 6ª série. Na 1ª série lembro que tive várias professoras, quatro ou cinco no mesmo ano se não me engano. Isso porquê a turma era bagunceira e havia adoentado todas as professoras anteriores. Por várias vezes ouvíamos da direção da escola que iam colocar ordem na nossa bagunça “vocês precisam melhorar este comportamento, só tem reclamação dessa turma”. Hoje essa lembrança me faz refletir sobre as demandas do professor, a necessidade de se trabalhar domínio de classe, postura de autoridade em sala (diferente de postura autoritária) e os desgastes que a profissão nos causa.

Acho que foi na 2ª série que encenamos um poema em sala. Fomos divididos em trios ou duplas e estudamos os poemas para apresentar à turma. Eu me empolguei e foi muito legal. Não me lembro qual era o poema, mas me lembro da diversão em apresentá-lo e da turma gargalhando com nossa encenação. Até hoje adoro poemas e encenar. Gosto de ler poemas e às vezes escrevo alguns. Há pouco mais de dois anos tive a oportunidade de cursar uma semana de aula de teatro na Funarte, com a professora e atriz Adriana Lodi. Foi demais! A semente do apreço pelas artes plantada no início de minha vida

acadêmica cresce e floresce até hoje regada por várias experiências que tive e tenho o prazer e oportunidade em participar.

Não sei se me lembro de algo específico da 3ª série, mas foi mais ou menos nessa época que houve uma festa junina na escola. A professora fez duplas para treinarmos os passos e juntou todas as turmas da mesma série. No primeiro dia de ensaio conheci meu parceiro de dança, o Marcos e me apaixonei. Ele tinha um cabelo longo, preto e liso lindo demais! Eu achei que os pares seriam fixos, mas num outro dia de ensaio eu dancei com outro garoto, e depois com outro e outro.... Que tristeza! Que frustração! E desde então ele, o Marcos, ficou sendo meu “crush” como se diz hoje em dia, por quem eu tinha uma “paixãozinha”. Isso por uns dois anos, até que ele cortou o cabelo e acabou a paixão... Acho graça desse amor por esse cabelo, que me rendeu muitas histórias e “micos” em sala, enfim.... Estas são outras histórias!

Na 4ª série conheci a professora Ana Paula. Ela era incrível. Tínhamos leitura ao ar livre. Adotamos uma árvore da escola, onde tínhamos responsabilidades em relação a ela. Nós a regávamos, conversávamos com ela.... Lembro que no recreio metade da turma ficava em sala com ela, conversando, brincando, rindo. Uma agradável professora que mostrou que aprender é gostoso, ainda mais quando se mantém um clima amigável em sala.

Neste mesmo ano tivemos o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), um policial nos dava as aulas. Era às quartas-feiras. A turma adorava e professora Ana Paula ficava com a gente em sala. Era muito animador. Aprendíamos que não deveríamos aceitar drogas, fazer favores a estranhos ou pegar o que não era nosso. Na época não fazia tanto sentido, nem parecia ser necessário, mas fazendo uma reflexão hoje, a entrada no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e até mesmo na faculdade mostrou um pouco deste outro lado que há no mundo e trabalhar esses ensinamentos, valores conosco ainda pequenos foi válido.

Na 5ª série matei aula pela primeira vez. Era aula de PD – Parte Diversificada, não lembro sobre o que estudávamos. Lembro que o professor falava muito que havia servido o exército e não me agravada em nada sua aula que se resumia em copiar e receber vistos no caderno. Boa parte da turma sempre matava aula dele e sempre me neguei, por achar um desrespeito ao professor e pelo medo das possíveis consequências. Mas um dia pela pressão

do grupo e por já saber que havia passado na matéria decidi que seria um alívio não ter aquela aula e poder comer manga verde na frente da escola. A consequência foi ficar com falta e no caso não teve manga verde naquele dia, por que assim que cheguei no portão da escola, meu pai já me esperava para voltar para casa...

Minha melhor memória na 6ª série foi quando fizemos um sabonete artesanal para as mães com a professora Márcia de Ciências. Ela usou a oficina para explicar um pouco do conteúdo na época trabalhado. Agora, lembrando de quando confeccionamos este presentinho para as mães consigo sentir o cheiro da essência de maçã que escolhi para colocar no sabonete que eu estava fazendo, que tinha formato de coração e nele havia escrito algo como “Amo você”. Amável lembrança... Talvez, numa “análise selvagem”, venha daí minha apreciação por sabonetinhos.

E depois de tentar ingressar no CIL em 2004, só em 2005 consegui uma vaga em espanhol. Cursei por 7 anos até concluir o curso. Sinto que foram anos preciosos. Que o aprendizado de um idioma pôde trabalhar e acrescentou muitos valores e princípios a minha formação. Ainda quando cursava o espanhol tive a oportunidade de estudar o inglês e também o francês. Cada aula era uma viagem, um idioma facilitava na compreensão do outro. Era divertido, atrativo, animador, empolgante! Imaginava que aprenderia muitas mais línguas e viajaria o mundo... Apesar de ter buscado trabalhar como au pair (babá estrangeira) no último ano, trilhei por outros caminhos.

Lembro de mais algumas coisas e momentos ainda do CEF 06. Por exemplo, as salas costumavam ter nossos trabalhos na parede, as mesas tinham um suporte em baixo onde colocávamos os materiais e os esquecíamos muitas vezes! “Santa” salinha dos achados e perdidos! Lembro de uma lanchonete que havia na frente da escola, para onde a gente corria para lanchar antes que a van ou os pais chegassem para nos buscar. Tinha também a caixa de jogos que em dias de recreação pegávamos na direção. Havia um aluno responsável por pegar a caixa e devolvê-la com todos os brinquedos do jeito que havia pegado. Como era divertido estes momentos e unia a turma! Tinha o horário de educação física nas quadras, era pertinho de uma sala em que podíamos comprar sorvete. Eu tinha uma amiga, a Maria Luiza, que sempre comprava sorvete de morango, mas o motivo é a parte engraçada, nem tanto por que ela gostava do sabor, mas

principalmente por que é rosa! Ri muito quando descobri a razão, ela era muito engraçada. Enfim, o CEF 06 também me marcou muitíssimo, afinal foram seis anos de vários momentos e encontros. Na época tiraram a 7ª e a 8ª série da escola, senão eu não teria mudado de escola.

Dando continuidade aos estudos fui para o Centro de Ensino Fundamental 03 de Sobradinho (CEF 03), onde cursei os dois últimos anos do Ensino Fundamental II. Lá também tive boas experiências, e apesar da resistência inicial por conta da mudança de escola fiz bons amigos e conheci professores que muito me influenciaram positivamente.

Foram nesses dois anos que tomei gosto pela Geografia, tendo aula com um professor que não me lembro bem o nome, acho que era Arnulfo. Com o professor Geraldo fui perdendo o medo da escrita e me lançando em papéis em branco jogando poemas e histórias. Com a professora Daniela aumentei minha autoconfiança e fui percebendo que eu podia mais e mais, ela mostrou que eu tinha capacidade de ser uma estudante cada vez melhor, mas eu ainda não havia percebido isto.

Foi nesta escola também que fui apresentada à história do rádio, foi apaixonante! Trabalhei na rádio da escola por um ano letivo, fazendo programas no momento da entrada para a sala de aula e no intervalo. Aprendi muito sobre diversas coisas, realmente dediquei-me e carreguei com força esse amor que aprendi a ter pelo rádio – e por rádio novela.

Em 2008 iniciei o 1º ano do Ensino Médio no Centro de Ensino Médio 01 de Sobradinho (CEM 01), conhecido também como Ginásio. Meus pais, tios, tias, primos e conhecidos já haviam estudado nesta escola, referência na cidade. O primeiro dia na escola foi assustador. Eu nunca havia reprovado em nenhuma disciplina ou em qualquer curso que eu tivesse feito até o momento. E depois de ouvir de várias pessoas que o 1º ano é uma espécie de “peneira”, que muita gente reprova ou mesmo desiste de estudar, é possível imaginar o tom que teve este primeiro dia de aula para mim. Chegando no Ginásio, o CEM 01, meu pai esperou para eu entrar na escola. Neste meio tempo de espera conhecemos a professora de inglês que daria aulas para o 1º ano. Que sorte! Pensei ironicamente. É claro que o meu pai não poderia deixar de fazer uma pressão. Conversando com a professora de inglês, que depois descobri que se chamava Graça, ele disse “não tem dó não professora, pode arrochar”, e ela soltando

fumaça após uma tragada no cigarro, disse em tom sério “pode deixar”. E assim eu travei ainda mais para dar passos para dentro da escola e dos conhecimentos de inglês...

Era tudo diferente por lá, apesar da diferença mais comentada quando se está iniciando a 5ª série: a variedade de professores. Não sei apontar exatamente o que havia de diferente naquela escola. Acho que era o tom adulto com o qual éramos tratados. Enfim, o ano iniciou e as coisas foram se ajeitando e eu sempre ali buscando seguir as regras, tentando não me destacar para não ser “martelada”. O professor Torres dizia que a Xuxa não iria vir e que era para levar a rapadura sempre, que era o nosso enorme livro didático. Nunca entendi muito a aula de História com ele. Mas como ele mesmo recomendava, não deixei de fazer as atividades do livro, suficientes para a aprovação medíocre na disciplina. O professor de Física tinha sempre à mão uma borracha e jogando ela para cima ele dava as explicações necessárias sobre velocidade, gravidade, altura.... Bem, os exemplos não foram suficientes. E apesar da turma sempre reclamando de suas aulas e fazendo chacota com o velho senhor eu sabia que tinha que amá-lo para aprender Física. Sim, amar. Ainda como aluna eu já havia percebido que só tendo amor pelos mestres eu poderia enxergar o que desejavam me mostrar em sala, nos conteúdos. Trabalhar minha monografia no sentido deste tema a fim de desvelar essa hipótese tem sido realizador!

Outro professor que marcou profundamente meu caminho acadêmico foi o Wagner. Ele lecionou História no 3º ano do Ensino Médio para a minha turma. Pouca gente na minha turma gostava dele. Mas eu o admirava demais, e adorava quando a aula era com ele. Várias cenas e falas dele marcaram-me muito. Como eu queria aprender o que ele tinha a ensinar. Sentia que com ele tudo era mais valioso. Lembro quando cheguei em sala atrasada após o intervalo e com medo de receber uma bronca perguntei se podia entrar. Ele disse “meu anjo a sala é nossa, fica à vontade, pode entrar”, sentado em cima da mesa do professor ao lado de um rádio que ele levava e colocava músicas diferentes e agradáveis. E era o motivo de querer sentar nas primeiras cadeiras na sua aula. Nossa? Achei que era do professor a sala de aula. Mas ele, neste curto período de um ano, lidando com o desdém da minha turma me ensinou muito. Deu-me a posse da escola, da sala de aula, do processo de aprendizado que já era meu mas eu não sabia.

Foi com o professor Wagner que conheci o que era a Pedagogia. Havia no CEM 01 um projeto para o 3º ano de preparação para a saída do Ensino Médio e ingresso na faculdade com foco na UnB. Era numa disciplina a parte que uma professora de Filosofia nos guiava rumo ao Ensino Superior. No fim do ano ela propôs uma atividade, que fizéssemos um questionário para um profissional da área de interesse que estávamos buscando cursar na faculdade. Fiz meu questionário pensando em Pedagogia ou História. Pura motivação vinda do Wagner sem que ele mesmo soubesse. Encontrei-o em sala e pedi para que respondesse às minhas questões. Só me lembro que uma das questões era quais as disciplinas que ele havia cursado em Pedagogia. Lembro que na resposta ele falou sobre Didática. Continuei pesquisando sobre e me interessando ainda mais pela educação, com desejo de lecionar. Com o projeto ainda visitamos uma faculdade particular. Lá busquei apenas a sala que esclarecia o que era a Pedagogia. Fiquei encantada. A sala estava organizada, havia material didático em todos os lugares. As universitárias eram todas mulheres e muito simpáticas. Enfim, senti o tom que teria o curso. E gostei. Voltei a esta faculdade mais uma vez, para fazer uma prova, só não recordo com certeza se era o vestibular ou o Programa de Avaliação Seriada (PAS).

Quando fiz o PAS escolhi Licenciatura Espanhol, minha paixão. Queria trabalhar o espanhol com crianças. E o vestibular fiz para Pedagogia. Meu real foco era Licenciatura Espanhol e por isso coloquei-a como opção no PAS porque minhas notas estavam boas e eu confiava que iria passar. Desconfiei que não entraria para Pedagogia porque o vestibular parecia ser mais difícil, mas não descreditei. Diferente de muitos colegas que ingressaram em Pedagogia comigo e tantos outros que acabam fazendo o curso, minha primeira opção não era Psicologia.

Após concluir o Ensino Médio, não acreditava realmente que ingressaria para a UnB. Logo em janeiro de 2011 eu estava extremamente perdida, sem saber o que faria naquele ano. O vazio de não ter planos concretos ou matrícula em algum lugar tirando os idiomas que eu estava cursando, espanhol, francês e inglês, me fizeram ter várias crises de choro, de medo, de apreensão.

Pedi para os meus pais que eu fizesse aulas para passar em concurso. Afinal, estamos em Brasília. Ou UnB, ou cargo público. Que mediocridade.

Iniciei um curso “geral” para concursos em fevereiro e esqueci da UnB. Acho que olhei as duas ou três primeiras chamadas do Vestibular e do PAS eu já tinha visto que tinha perdido a chance logo de cara. Restava Pedagogia. Mas que também não tinha dado certo. Afinal, já foram três chamadas e meu nome não saiu. Então devo deixar isso de lado e focar em ganhar dinheiro e estabilidade na capital do país. Até ai eu só estava sendo “brasiliense de Sobradinho”.

Dois primos entraram para UnB, faltava eu. Mas talvez não fosse para mim. Imagina, eu nunca fui boa de tabuada como eles, como eu entraria para a UnB? É, sou só desgosto para minha família... Era tudo o que eu podia pensar de mim mesma. Foi o que me mostraram que eu era e eu aceitei.

Mas uma ligação mudou tudo. A Dani, uma amiga do Ensino Médio me ligou em fevereiro ainda, acho. E alegremente me dava os parabéns. Fiquei brava, porque não entendia do que ela estava falando. Foi uma ligação tão confusa! Já era noite ou quase noite. Mas era fevereiro e eu sou de junho. Parabéns pelo quê? “Dani, do que você está falando? Meu aniversário em junho!” e ela meio gritando me responde: “Você não viu o resultado do vestibular? Você passou, parabéns! Sabia que você iria entrar.” Silêncio. Lógico. O que eu poderia falar? Com a autoestima no chão já achando que a UnB não era para mim e desacreditada daquela ligação, onde tudo foi muito confuso, inclusive escutá-la com a minha mãe perguntando repetidas vezes quem era ao telefone... Eu disse “Você está brincando? Se estiver, nunca mais falo com você”, em resposta a Dani me passou meu RG se não me engano. Gelei. A gente concluiu a ligação achando que imediatamente eu deveria ir buscar a confirmação da boa nova. Silêncio. Em choque vi meu nome na lista de aprovados. Pedagogia. Uau! Mas o barulho que minha mãe fazia e como me sacodia comemorando não facilitava a minha compreensão da situação e colaborava para o choque. Não ri ou chorei. Olhava para a tela do computador. Bem, eu tinha uma matrícula a fazer em algum lugar. Alegria. Silêncio. Choque. Consegui. Estou dentro os cabeções, pensei. Mas sabia que não era um deles. Meus primos sim. Que maldade me ensinarem isso. A comparação entre nós sempre me marcou e magoou muito. Eu sofria. Mas eu tinha conseguido!

Outra ligação. Minha mãe avisa para o meu pai que eu passei para a UnB. Alegria. Qual curso? Pedagogia. Mas faz o quê? Essa eu sabia, tinha estudado

um pouco do que era o curso. Dá aula para criança. Frustração. Bem, não era Administração nem Contabilidade (curso dos meus primos), mas poxa era UnB! É o que conta né? Não. Nem tanto. Aquele ali era um outro peso que carregaria. Novo fardo. Que não era só meu. Em Oficina Vivencial, disciplina ministrada pelo incrível ser humano e professor Armando vi que era um peso de muitos. Olhares tortos a cada um de nós ali que anunciou sua entrada para a UnB para um curso de “quem não conseguiu Psicologia”. Mas eu estava ali, animada, aberta e disposta. Era o que eu queria e não entendia porque era a segunda opção de tanta gente que nem buscava lecionar, mas “gostava de criança”.

Em setembro de 2012, fui convidada pelo professor Wagner que ainda trabalhava no CEM 01 a participar de um projeto sobre educação inicialmente pensado pela Bruna, uma ex-colega do Ensino Médio que estava também na UnB cursando letras. A conhecia de vista apenas. Topei. Era sobre educação, era o que eu precisava saber.

Primeiro encontro: 11 de setembro. O objetivo era nos conhecermos todos e clarear o que seria o projeto que depois veio a se chamar *Educar para Humanizar*, na verdade iríamos construí-lo. Tudo partiu da necessidade de uma disciplina que a Bruna cursava, mas ela queria expandir e tinha gente querendo participar. “Massa velho!” como diria o mestre.

Busquei ser pontual e sai correndo da FE, com o coração aberto para as possibilidades. Aberto demais até.... No CEM 01 encontrei o Wagner ao telefone e um cara sentado à mesa. Aguardei. Fizemos o encontro. Não lembro se havia chegado mais alguém. Era engraçado como o Wagner e o cara se tratavam. Amizade, senti. Beleza, topo participar. Vai ser interessante e vai me acrescentar. Fui embora para casa, cheia de ideias e com o carinho na cabeça.

Mais uns encontros e uma galera agregando e eu estava completamente apaixonada pelo projeto e pelo carinho. Mas qual seria o nome dele? Wesley. Descobri! E começamos a conversar e a trabalhar pelo projeto.... As prioridades de cada um fizeram com que seguíssemos diferentes rumos a partir de todo este encontro. E nós seguimos rumo ao amor. Este ano, 2016, fazem 4 anos que estamos juntos pela educação, por nós, pelo amor e agora por nossa família! Eduardo é o transbordar de toda essa história, nosso encontro.

INTRODUÇÃO

Tratamos da afetividade na transmissão de conhecimentos metodologicamente propostos, no fenômeno educativo: ensino-aprendizagem a fim de pensar esta relação para além de um processo consciente, ou seja, levando em consideração o inconsciente do sujeito na concepção de Sigmund Freud, criador da Psicanálise uma área onde o “sujeito psíquico é rei”.

Além da transmissão de conhecimentos metodologicamente propostos, interrogamos se não seria possível ocorrer transmissão de um outro lugar que escapa ao controle e alcança professor e aluno advindos da ordem do sujeito inconsciente? Norteados por esse eixo central buscamos estas dimensões na fala, ações e memória educativa dos sujeitos pesquisados.

A análise dos resultados desta pesquisa trouxe como consequência uma reflexão necessária, dado o avanço dos estudos que articulam Psicanálise e Educação e as necessidades do pedagogo em sala de aula: a importância da Psicanálise para a formação docente em Pedagogia. Pensamos neste sujeito pedagogo como o profissional responsável pela educação de crianças que, poderia fazer uso das teorias psicanalíticas para uma reflexão de sua prática (Costa e Mota, 2011). À guisa de exemplo, as memórias educativas compartilhadas pelos sujeitos desta pesquisa, evidenciam que a fala e ações de seus professores relatadas em suas memórias deixaram “marcas” que não se apagam, como esclarece Freud e Sartre em seus escritos apontou “o importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós fazemos com o que os outros fizeram de nós”, pois, apesar de haverem relatos de memórias educativas contando lembranças não agradáveis aos sujeitos da pesquisa, ainda assim estes não desistiram e optaram pela educação lembrando que, na escolha mais importante do que Ter uma profissão é escolher quem Ser como pessoa.

Neste sentido o objetivo geral foi analisar a importância da dimensão do amor, da presença e da palavra na transmissão de ensinamentos bem como compreender se há alguma forma de o discurso amoroso na educação possibilitar a transmissão não padronizada, valorizando a dimensão inconsciente nas relações de ensino-aprendizagem, buscando na memória dos (as) alunos (as) e professoras/pedagogas sujeitos desta pesquisa, estas relações.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

I. PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Partindo de Comenius em relação aos conhecimentos didáticos, mesmo que o (a) pedagogo (a) tenha formação em didática ao longo da graduação e mesmo seguindo os estudos sobre o tema em sua formação continuada, este conhecimento não basta para que ele tenha capacidade de “ensinar tudo a todos” como, utopicamente, em sua concepção o pensador propunha. O conhecimento que a Psicanálise apresenta sobre transferência, transmissão, singularidades e subjetividade dos sujeitos, dentre outras dimensões nos (des)vela um outro campo importante a ser estudado e que compõe a complexa teia de conhecimentos necessários para a prática pedagógica.

Ainda que “vários estudiosos chegaram à conclusão de que seria impossível elaborar uma metodologia educacional com bases psicanalíticas” (Costa e Mota, 2011, p.3) com estes mesmos estudos foi possível concluir que:

“as ideias psicanalíticas estudavam a criança, sua formação enquanto indivíduo social e a subjetividade, de um modo geral, por esse motivo surgia uma aproximação da Psicanálise com a educação, que é a responsável pelo trabalho com o desenvolvimento da criança”.
(Costa e Mota, 2011, p. 3)

É nessa aproximação que a Psicanálise contribui com a educação, sendo uma ferramenta que auxilia o trabalho do pedagogo nas várias áreas educacionais onde o pedagogo possa atuar, por que trabalhamos com o sujeito que é humano.

II. TRANSMISSÃO

Transmissão, de acordo com o vernáculo em Aurélio (1989), significa "ato ou efeito de transmitir (se); transferência; comunicar por contágio...". Definição essa que permite vislumbrar possíveis relações com a leitura psicanalítica de Mendonça Filho (2001), para quem "transmissão é um fenômeno que vai além da concepção do diálogo entre duas e/ou mais pessoas ou da veiculação de informações, e que o discurso amoroso se apresenta vinculado ao acontecimento da transmissão".

Como Morales (2006, p.15) explica "pretendemos que nossos alunos aprendam algumas coisas... Mas pode acontecer que, além disso (ou em vez disso...), eles estejam aprendendo outras", assim sendo é importante observar que para a Psicanálise, o ato educativo refere-se à 'transmissão da demanda social além do desejo, como transmissão de marcas, como transmissão de estilos de obturação da falta no Outro' (KUPFER, 2000, p. 119, citado em PRAZERES, 2007), pois por mais que o (a) professor (a) se planeje e prepare planos de aulas com sequência e atividades pedagógicas intencionalmente escolhidas, ainda assim ocorrerão transmissões das quais ele não está ciente, seja por sua postura em sala, por suas vestimentas, por sua fala, por um olhar ou gesto...

Isto porquê, considerando a dimensão do inconsciente mediante os ensinamentos de Freud, cada sujeito "recebe" a realidade de uma forma, interpretando-a ao seu modo. Sendo assim, em sala de aula cada sujeito está interagindo, observando, aprendendo e analisando este ambiente educativo a partir de suas vivências, concepções e leitura de mundo, nele se desenvolvendo, aprendendo e ensinando, intencionalmente ou não.

Ainda que não seja possível o educador estar ciente de tudo o que ele ensina, intencionalmente ou não e que os educandos aprendem, é importante que ele tenha consciência desta impossibilidade, mas mais ainda, que ele tenha consciência desta dimensão afetiva que existe na transmissão que se dá no ato educativo, pois quando se transmite conteúdos sistematizados não apenas o conteúdo chega ao sujeito, mas também marcas afetivas como Mendonça Filho (2001) já apontou esta vinculação que há entre discurso amoroso e transmissão.

III. MEMÓRIA EDUCATIVA

Para a Psicanálise o infantil e a infância são conceitos diferentes. O infantil é a base que constitui o sujeito e ele remete à memória educativa. Lembranças, vivências, marcas que tivemos no período da infância constitui a memória e o infantil é o que nos acompanha por toda a vida. Freud esclarece e afirma:

“que o infantil é nuclear na constituição psíquica do adulto e que mesmo depois de muito tempo, esse infantil não esvai, logo é atemporal, mas ambos são ligados por suas referências iniciais.

Para Tanis (1995) a memória guarda a capacidade de resgate do tempo histórico, mas não como um tempo passado, sim como um tempo inscrito nas “entranhas” do atual.” (Santos, 2013)

Almeida (1993) afirma que o educador deve ter o reconhecimento de si próprio e a reconciliação com seu infantil, e a memória educativa vem mostrando que antes de um professor constituído existe um aluno em formação. Em concordância com o pensamento freudiano que nos diz que a criança é o Pai do homem, para Almeida (2002) “o aluno é o Pai do professor” (Santos, 2013)

Almeida (2002) ainda explica que a memória educativa do professor é lugar de expressão da subjetividade na formação de sua identidade como educador, um material riquíssimo do qual, como sujeito histórico, só ele possui os registros. Identidade entendida como um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão, reconhecendo seus laços com a história de vida do sujeito e vicissitudes enfrentadas nas complexas relações entre objetividade e subjetividade em sua formação.

Pois o professor escreve e o aluno desenha, mas dois estão a falar de suas memórias educativas, de sua infância e do infantil que os acompanha e acompanhará sempre.

IV. O DESENHO INFANTIL

O desenho foi a ferramenta utilizada para captar a emoção que as crianças trariam em suas memórias educativas. Para Santos:

“o desenho constitui a primeira forma de expressão, onde se pode perceber o emocional e afetivo da criança, por ser algo tão sensível, ele evoluiu justamente com seu desenvolvimento. Neles observamos a existência de um universo fantástico e muito diverso do que é conhecido pelos adultos. As emoções são expressas em cor, forma, tema, traçado e proporção, e podem, muitas vezes denunciarem alegrias e conflitos, necessidades e frustrações”.

(Santos, 2013).

Nessas expressões de emoções no papel realidade e imaginação misturam-se para contar uma história temática.

Porém para a interpretação dos desenhos o professor, como Santos convida, deve renunciar seus preconceitos e levar em conta como é o desenho e o que a criança quis dizer nele. Assim sendo o áudio foi o recurso utilizado aqui para manter a fiel descrição do que o sujeito quis dizer com a história que retratou. Pois é através dos desenhos infantis o adulto pode perceber o que constitui o interior da criança, seu inconsciente (Santos, 2013).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

I. PROCEDIMENTOS

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório e abordagem qualitativa com base na Psicanálise, Sociopsicodrama e Educação. Realizada em contexto de escola pública de Ensino Fundamental I, localizada em Brasília-DF. Foram sujeitos desta pesquisa professoras/pedagogas desta unidade da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) e alunos (as) do 2º ano do Ensino Fundamental I.

A coleta de dados iniciou em março e encerrou em julho de 2016. Primeiramente entramos em contato com a escola. Após abertura e permissão para a nossa entrada e execução do trabalho, no primeiro encontro explicamos o projeto aos participantes e solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A seguir as etapas implementadas:

1 – Levantamento bibliográfico;

2 – Escrita do Diário de Campo: todos os encontros que ocorreram na escola foram registrados por escrito, por gravação audiovisual e/ou apenas áudio. Finalizada a coleta de dados elaborou-se um relatório destes encontros sistematizando os vários tipos de registros a fim de enriquecer o diário com detalhes cruzando as informações coletadas, tais como expressões corporais ou de fala usadas pelos sujeitos da pesquisa.

3 – Entrevista com professoras/pedagogas atuantes na escola lócus da pesquisa: as entrevistas foram abertas e semiestruturadas com gravação do áudio. Quatro professoras/pedagogas participaram desta etapa respondendo às questões.

4 – Leitura e análise da escrita memória educativa das professoras/pedagogas atuantes na escola lócus da pesquisa: tivemos como retorno sete memórias educativas.

5 – Aplicação do Sociopsicodrama com as professoras/pedagogas a fim de evocar suas memórias educativas e partilhá-las.

6 – Coleta da memória educativa dos (as) alunos (as) do 2º ano: através da contação da história Carlota Bolota da autora Cristina Porto, ano 2014, solicitei aos alunos, sete participantes pela manhã e quatro no turno da tarde, que fizessem um desenho como uma fotografia de um momento que tenham vivido na escola e que tenha marcado sua memória, fosse uma boa lembrança ou não. Nesta ação utilizei da gravação de áudio como recurso auxiliar para posterior análise deste material.

7 – Elaboração da convergência e possibilidades entre Psicanálise, Educação e Transmissão na formação/atuação de professores (as) dos anos iniciais, abrindo espaços de diálogos nesta tríade;

CRONOGRAMA

Etapa	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL
1.	◆	◆	◆	◆	◆	◆	◆
2.			◆	◆	◆	◆	◆
3.					◆		
4.				◆	◆	◆	◆
5.					◆	◆	◆
6.							◆
7.						◆	◆

II. SOCIOPSIKODRAMA

Utilizamos nesta pesquisa uma abordagem qualitativa com base na Psicanálise e o Sociopsicodrama, abordagem teórico-metodológica criada por Jacob Levy Moreno (1889 – 1977) como um instrumento, que com enfoque grupal como explica Moreno (1965), possibilitou alcançar os objetivos aqui propostos.

Marino (2010) explica como o Sociopsicodrama se dá e pode ser utilizado em pesquisa: a atividade parte de um aquecimento que grupaliza e nos aproxima da temática, favorecendo a produção dramática, possibilitando um compartilhar/elaborar em que o ato sócio-psicodramático se faz ato investigativo e pode se tornar pesquisa sistemática.

O trabalho psicodramático, como aborda (MONTEIRO, MERENGUÉ e BRITO, 2006) é feito de imersão e compreensão. A imersão pressupõe o abrir mão de qualquer certeza, de qualquer conhecimento e se lançar no desconhecimento, no não saber. É preciso, entretanto, ter um fio que o sustente, que ligue o pesquisador ao real, ao objetivo. Com isso ele pode, concretamente, elaborar – dando sentidos à experiência dramática vivida a compreensão. (Squarisi, 2016).

Assim, com o aporte do Sociopsicodrama o grupo de professoras/pedagogas sujeitos desta pesquisa foram imergindo em suas memórias educativas com a coordenação do professor e sociopsicodramatista Bareicha.

O psicodrama destaca-se de um enfoque puramente fenomenológico, caracterizado pelo acesso gradativo ao que aí está, ao dasein. Estamos para além do que aí está, ou do que se encontra em processo de desvelamento (Squarisi, 2016). Zelando quanto ao tempo disponível para o Sociopsicodrama em cada encontro o professor Bareicha fazia gradativamente como Squarisi explica, o acesso às memórias. Tal cautela se faz necessária por que o sujeito que se permite o desvelamento de si a si mesmo precisa ser cuidado quanto ao que ele verá que o constitui como sujeito. Moreno nos remete ao desafio de cultivar *Espontaneidade-Criatividade*, modo de ser que nos chama ao momento, e nos convida assim, a um “aprender a habitar” a nossa condição humana (Marino 2010).

CAPÍTULO III

I. RELATÓRIO DOS ENCONTOS

1º Encontro



Este foi meu primeiro contato com a escola. Inicialmente fomos apenas pela manhã num momento chamado de coordenação coletiva. Combinamos com a escola de que os encontros aconteceriam às quartas-feiras, pelas manhãs e tardes.

Passamos a manhã conhecendo as questões da escola, de alguns professores e pais. Na coordenação coletiva, quinzenalmente às quartas-feiras, há um momento inicial com uma psicanalista e psicopedagoga que dura uma hora, que coincidiria com os nossos encontros na escola. De certa forma prepararia o grupo de professores para as atividades que faríamos em seguida sobre Psicanálise e Memória Educativa.

2º Encontro

Matutino:

Neste encontro levamos a proposta do projeto de pesquisa à escola a fim de esclarecer o trabalho que desenvolveríamos com as professoras e alunos. Abaixo o folder do curso:

<p>Coordenação Profª Drª Inês Maria M. Z. P. de Almeida Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha</p>	<p>O LUGAR DO INFANTIL NA MEMÓRIA EDUCATIVA: IMPLICAÇÃO E REFLEXÃO EM ESCRITA E AÇÃO.</p>
<p>Orientação Katlien Machado Vicente Squarisi (orientanda – mestrado) Maria Cláudia Aguiar da Silva (orientanda – graduação)</p>	 <p><small>www.psicologiaonline.com.br</small></p>
<p>Realização  Universidade de Brasília – UnB</p>	<p>Período: 13/04 a 06/07/2016 Local: Brasília - DF</p>
<p><small>"O homem é dono do que cala e escravo do que fala. Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo." Freud</small></p>	

<p>1º ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da pesquisa • Palestra inicial: Conhecendo a Psicanálise – criador e criação. <p>2º ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Memória Educativa • O lugar da memória na Psicanálise • Constituição da Subjetividade e o infantil freudiano. • Articulações Memória e Sociopsicodrama. <p>3º ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização do Sociopsicodrama <p>4º ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas semiestruturadas <p>5º ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização do Sociopsicodrama <p>6º ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização do Sociopsicodrama <p>7º ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Encerramento • Falas dos participantes 	<p>Horas indiretas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaboração da memória educativa. • Roteiro de Análise dos filmes indicados • Leituras prévias de textos selecionados <p>Sugestão de filmes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Freud Além da Alma • Sigmund Freud: a invenção da Psicanálise • Minha vida em cor de rosa <p style="text-align: center;">Carga horária</p> <p>Horas diretas: 20 Horas indiretas: 60 Total: 80</p>	<p>Referências</p> <p>ALMEIDA, Inês Maria M. Z. Pires de. Ressignificação da Psicologia da Educação na Formação de Professores de Ciências e Matemática. Tese de doutorado. IP-UnB (2001).</p> <p>FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro. Imago, 1996.</p> <p>TANIS, Bernardo. Memória e Temporalidade. Sobre o infantil em psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.</p> <p>LAJONQUIÈRE, L. D. Infância e ilusão (Psico)Pedagógica. Escritos de psicanálise e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.</p> <p>MARRA, M. M.; FLEURY, H. J. Sociodrama, um método, diferentes procedimentos. São Paulo: Ágora, 2010.</p> <p>MONTEIRO, A. M.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. Pesquisa quantitativa e psicodrama. São Paulo: Ágora, 2006.</p> <p>Referências complementares ao longo do curso</p>
--	---	--

Havia 10 professoras na coletiva desta manhã. Fizemos a apresentação do curso que ofereceríamos e oferecemos nesta escola: *O lugar do infantil na memória educativa: implicação e reflexão em escrita e ação.*

Primeiramente a mestrande Katilen Squarisi explanou sobre o foco do seu trabalho em sua pesquisa de mestrado dentro deste curso. Sendo ele a constituição da subjetividade com enfoque no infantil numa abordagem psicanalítica e sociopsicodramática. Logo após sua fala eu apresentei o foco do trabalho que eu desenvolveria dentro deste curso: a importância da dimensão do amor, da presença e da palavra na transmissão de ensinamentos.

Em seguida apresentamos um vídeo em que Sigmund Freud se apresenta como o “pai da Psicanálise”, numa breve autobiografia a fim de situar as cursistas o que fundamenta o nosso trabalho, e a origem dessa, assim chamada, metapsicologia freudiana.

Vespertino:

Com a mesma sequência de apresentação do curso, trabalhamos com o grupo das professoras da manhã: memória educativa; o lugar da memória na Psicanálise; constituição da Subjetividade e o infantil freudiano; articulações memória e Sociopsicodrama.

Pela manhã existiu um grande interesse no tema e a maioria das professoras inscreveram-se no curso. Houveram relatos de professoras que cursaram Pedagogia na UnB. Algumas lembraram que seu primeiro contato com a Psicanálise foi nas aulas de Inconsciente e Educação ministradas pela professora Inês Almeida, outra professora lembrou da maneira humana e acessível em que a professora Inês dirigia a Faculdade de Educação (FE). Esta foi uma oportunidade para a professora pontuar a maneira que ela percebe a educação, valendo-se de uma explicação psicanalítica ao dizer que é preciso um trato humano a cada sujeito que é subjetivo e único.

Porém a coordenação coletiva da tarde conta com professoras que ministram aulas há anos, e tem mais experiência. A estas professoras a proposta do curso pareceu ser uma novidade maior, mais proveitosa, como uma espécie de reciclagem de postura em sala de aula. O curso teve uma boa aceitação, o material que levamos foi explorado por elas com perguntas e observações.

3º Encontro

Matutino:

Neste dia o encontro na coordenação coletiva foi com a presença da professora Inês Almeida. No início ela se apresentou, resgatou a história do trabalho com a professora Alexandra Militão, de quando fazia o doutorado estudando a Psicanálise e a sedução que teve com o tema. O trabalho que ela desenvolveu sobre a memória em seu doutorado contribuiu e contribui com várias formações e de pessoas de diferentes áreas do conhecimento.

Distribuimos um fragmento do livro de Freud e fizemos a leitura do mesmo. Segue a referida citação:

Imaginemos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde o seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições meio apagadas e ilegíveis. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que moram nas imediações – talvez uma população semibárbara – sobre o que a tradição lhes diz a respeito da história e do significado desses resíduos arqueológicos, e em anotar o que eles lhe comunicarem – e então seguir viagem. Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, e colocar os habitantes para trabalhar com esses

instrumentos. Junto com eles, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado. Se seu trabalho for coroado de êxito, as descobertas se explicaram por si mesmas: as paredes tombadas são parte das muralhas de um palácio ou de um depósito de tesouro; os fragmentos de colunas podem reconstituir um templo; as numerosas inscrições, que, por um lance de sorte, talvez sejam bilíngues revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifrados e traduzidos, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado em cuja homenagem os monumentos foram erigidos. Saxa loquuntur! (as pedras falam!) – do Latim.

Freud, S. (1896). A etiologia da histeria. Em: *Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: imago, vol. III, 1996.

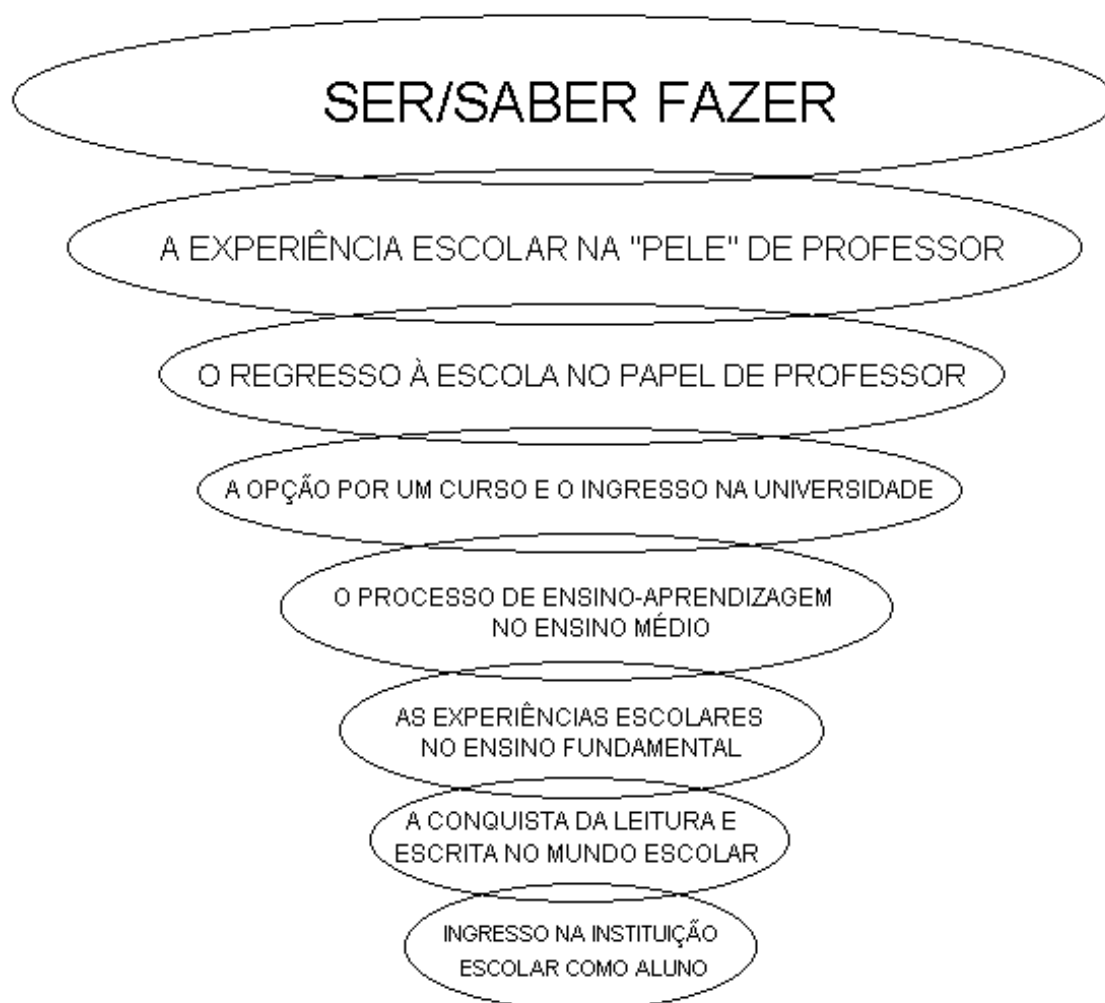
Em sua fala a professora Inês explica que “como seduzir” e alcançar cada sujeito não tem receita porquê cada sujeito é único, logo a relação é única.

Como horas indiretas do curso solicitamos a elaboração da memória educativa. Para incentivar a escrita desta memória a professora explicou que a memória é um processo único de subjetividade e diz: “*As coisas que você faz tem que ter a sua cara, a sua marca. Faça do seu jeito! Ao seu modo!*” Esclarecendo que a memória educativa nos constitui e nossa postura enquanto pessoas, professores é uma releitura, um reflexo desta memória.

Vespertino:

Assim como apresentamos na coletiva da manhã, entregamos o espiral inspirado no módulo comum (Imersão no processo educativo das ciências e da matemática) coordenado pelas professoras Inês Maria M. Z. P. de Almeida e Maria Alexandra M. no ano de 1998, a fim de guiar a memória educativa. Buscamos reproduzir um pouco da fala da professora para explicar e incentivar esta escrita.

A seguir o espiral:



4º Encontro

Matutino:

Este foi o primeiro dia de Sociopsicodrama. A professora Inês apresentou o professor Paulo Bareicha, psicólogo e educador. Explicou que faríamos uma parceria envolvendo memória educativa e Sociopsicodrama no curso que ofereceremos.

A atividade iniciou com o grupo formando um círculo, de forma que as participantes ficavam lado a lado, ombro a ombro. O primeiro pedido do professor Bareicha é: lembrem-se de uma música da sua pré-escola. E surgiram músicas como: Escravos de Jó, Mãezinha do céu, Ciranda cirandinha, Pai Francisco cantadas em coro.

Usando a estratégia de aquecer a mão direita no peito num movimento de fricção buscando o que “haveria de bom no coração” e oferecendo esta mão à pessoa ao seu lado, todas deram as mãos. Num exercício de trabalho de confiança do grupo, no grupo começando em dupla, foram dando as mãos se esticando e equilibrando-se. A cada entrada de um novo membro o grupo ficava mais forte. Isto para explicitar que o grupo deve acolher os medos e as fraquezas de qualquer natureza daqueles que o compõe. Como quando uma professora diz antes de entrar na roda “estou com medo” e a outra retruca “se tivesse medo não dava aula” acolhendo a colega na roda.

Neste clima o professor Bareicha solicita o relato de uma memória escolar que tenha acontecido até a 4ª série, fosse uma memória boa ou não, mas que elas se lembrassem bem. O primeiro relato foi de uma memória que ocorreu quando uma professora tinha 6 anos. Um aluno da sua sala que, ela disse que queria muito namorar com ela, um dia a chamou quando ela estava dormindo, mas ela não o respondeu. A reação do garoto foi de mordê-la na boca. Sangrando ela foi embora do colégio levada pela prima de sua mãe, que era sua professora. Ela se refere a essa memória como uma lembrança muito ruim e é a que primeiro vem à mente ao pensar em memória educativa. A memória seguinte foi relatada pela bibliotecária da escola. Um dia ao arrumar os livros da biblioteca viu o livro Pollyanna moça e recordou que na sua 3ª e 4ª série ela e a turma aguardavam ansiosamente a leitura deste livro. Logo em seguida é a coordenadora pedagógica da escola quem relata sua memória pedagógica que marca dois momentos diferentes de sua vida escolar. Quando alfabetizada usou a cartilha Caminho Suave. Após a professora chegar de viagem da cidade vizinha trazendo essas cartilhas para a turma, fez um evento em sala para entregá-las a cada aluno. A partir da encenação com fantoche da história da formiguinha as cartilhas foram entregues. Esta memória marcou muito a professora que relata a busca por esta história da formiguinha. Já na UnB numa aula do professor Armando, ele conta essa história que a coordenadora tanto buscou.

Em meio aos relatos das memórias educativas, uma fala chamou atenção: “Engraçado que essa história de escola, me lembra pessoas [...] a memória que eu tenho dessa escola é uma memória afetiva gigantesca! ”, ressaltando que as memórias educativas remetem muito mais à pessoas e sentimentos do que ao

conteúdo ministrado em sala de aula. Outro depoimento em que uma outra professora diz: “Eu lembro das minhas professoras com muito carinho” reforça ainda mais a ideia anterior.

Após os relatos das memórias, o professor Bareicha pede que voltem a mão direita ao “coração” para buscar qual afeto, sentimento que essa memória evocada traz e nomear o afeto que traduz aquela memória, como um título. Os títulos foram: desconfiança, saudade, felicidade, nostalgia, sinceridade, indignação, incompletude, segurança, tristeza, prazer e madrinagem (até palavras foram criadas). Ao falar o título do seu afeto, elas iam se distribuindo no espaço da roda formada por todas de pé. Em seguida sem sair do lugar, “tocavam os afetos” mais próximos. O professor Bareicha comenta que: “essas são as nossas conexões inconscientes, eu diria mais, até estão descobrindo isso, até neurais elas estão com esse tipo de relação”. Depois o professor sugere que fiquem em uma pose, imitando estátuas, em relação aos sentimentos que se conectaram. Voltando a posição inicial de roda formada: ombro a ombro, o professor Bareicha pede que falem uma palavra sobre a vivência do dia, atendendo à solicitação surgem as palavras: fé, satisfação, diferente, prazer, saudade, amor, resiliência, compreensão, delicadeza, liberdade.

Vespertino:

O professor Bareicha se apresenta e pede a apresentação das professoras e a formação que tiveram. Explica que há um capítulo na monografia que é da memória educativa do concluinte do curso, isto para contextualizar o uso da memória em nosso trabalho.

O momento se inicia com formação da roda, com as professoras encostando ombro a ombro. A pedido do professor elas sugerem o movimento: flexionando joelhos e depois fazem um balanço pendular com o corpo. Elas buscam lembrar nomes de professoras de 1ª a 4ª série que tiveram. Em seguida resgatam músicas. A primeira é cantada em coro: “Mãezinha eu quero te ver lá no céu”. O professor Bareicha pede outra música e a próxima é: “Rala o cocô, mexe a canjica” – algumas cantam. Com dificuldade tentam lembrar da música Festa do Interior “Segura as pontas, meu coração. Bombas [...] Ninguém matava, ninguém morria. Nas trincheiras da alegria. O que explodia era o amor. Outra

música lembrada e cantada em coro foi: “O meu chapéu tem três pontas, tem três pontas o meu chapéu, se não tivesse três pontas não seria o meu chapéu...”

O professor Bareicha questiona:

– A música que vocês propuseram é de que ano?

Em resposta falam 1990, 1978, 1972, 1970...

O professor Bareicha pergunta quem usou cartilha. E elas lembram da cartilha “Caminho Suave” – respondem em coro. Porém outras duas respondem que já usaram livro.

Então o professor pede que levem a mão no peito e pensem, que sentimento elas lembram dessa época. Uma responde “Saudade, da escola e dos meus colegas”. O professor Bareicha orienta que a mão que está no coração você oferece a uma colega.

Em duplas e de mãos dadas um sugere o movimento ao outro e o outro segue este movimento, depois inverte-se. Agora uma de frente para outra testam equilíbrio, depois em trio, em grupo de quatro e assim por diante, até as sete professoras estarem na roda equilibrando-se e esticando-se. Uma professora que está gestante sente confiança no professor Bareicha e em outra professora alta. O professor fala sobre fortalecer o grupo protegendo, fortalecendo o mais fraco, não importando a natureza desta fraqueza, porque o grupo ganha força se estiver junto.

Ele mesmo começa contando uma memória dele que se referia ao caminho que fazia para ir à escola. Depois uma professora decide compartilhar uma memória dela. Apesar de não lembrar do nome da professora que teve, lembra que ela jogava nos alunos giz e às vezes até o apagador. Ela expressa ao se lembrar da memória: “Ela – a professora – era louca, mas não lembro o nome dela”. Outra professora retoma dizendo que antes ela não sabia ler e que na sala que estudava uma mesma professora dava aula para três séries diferentes, todas na mesma sala. Sua professora dividia o quadro em três partes e assim separava o conteúdo de cada série dada no dia. E nesta memória lembra que copiava do quadro todas as partes. O que ficou marcado para ela, é que a escola do Goiás, onde essa história ocorreu não teve seriedade porque passou sem saber ler. E lembra que quando estudava lá haviam apenas duas salas, mas que numa visita recente à escola observou que agora está imensa.

Em seguida outra professora diz: “lembrei da professora C. aqui agora. Ela era pequeninha e tinha um cabelo armado, um dia ela foi de bobs” – risos. E continuou: “o filho da professora C. morreu de leucemia no ano que a gente teve aula com ela, ele tinha uns 9 anos. Eu ainda tenho contato com os colegas dessa escola. Mas também lembro da escola de freira...”

Outra professora prossegue contando que se lembra de ter sentado no que ela se referia como “morrinho de formigas”. E depois de sentir várias picadas, levantou-se do morrinho chorando. Ela conta: “passaram álcool em mim e eu esperei minha mãe chegar”. O quinto relato é de uma memória que aconteceu no Rio de Janeiro quando a professora relata tinha 5, 6 anos: “e ‘venderam’ na escola que seria bom desfilarmos no 7 de setembro [...] Aí eu vi que a gente tinha que sair da escola. Mas eu disse: não vou sair da escola, e eu não fui. Minha mãe comentou que eu não fui por semanas! E eu falava que eu não queria ir e não fui do lado do Julinho, o filho da diretora”. Ela comenta com cara de desprezo.

Outra professora lembra que pegou flores para a tia do escolar, e ao pegar pisou num prego que havia numa madeira. Por isso foi levada ao hospital e precisou faltar às aulas. Ela comenta: “me senti importante porque eu faltei na escola. Naquela época não podia faltar”. Por fim uma professora lembrou que havia competição de redação em sua escola. Ela participava e uma vez ganhou em primeiro lugar. Sua professora a chamou para receber o prêmio: uma bicicleta. Outra vez ganhou um relógio. E ela se lembra: “A professora nos motivava muito”.

O professor Bareicha pergunta se alguém queria ver a sua história de outro ângulo, encenada.

A professora que contou a história do formigueiro pediu que a dela fosse encenada. Desta vez ela conta com mais detalhes a história. Mesmo os detalhes que não tinha certeza, passaram a fazer parte da história. Começa dizendo: “*Era uma sexta eu estava na casa da minha avó, que tinha a melhor mamadeira [...] Sentei no morrinho (formigueiro) que para mim era só um morrinho, as formigas subiram de uma vez*”. E a história segue...

O professor Bareicha pede que, para a encenação, a professora escolha dentre as suas colegas alguém para fazer o papel de sua avó. A professora desconfortável com a situação, num riso nervoso pergunta se alguém não quer

participar. O professor Bareicha lembra do momento inicial que tiveram quando ele falou sobre acolher as fraquezas do grupo e se fortalecer. E pergunta à todas: *“Alguém não gostaria de participar?”* Lembrando que fizeram o pacto de proteger o mais fraco no grupo. Porém rapidamente todas se manifestam desejosas a participar. A encenação acontece após a escolha de quem faria cada personagem da história. A professora confessa que gostou de reviver a história e até achou graça do momento.

5º Encontro

Neste encontro entrevistamos as professoras pela manhã e pela tarde. Abaixo o roteiro da entrevista:

Anexo A: Entrevista semiestruturada



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prezado (a) professor (a),

O objetivo desta entrevista é levantar dados de sua vida pessoal e profissional para analisar a influência destes sobre a sua prática pedagógica e constituição subjetiva.

Com o seu consentimento, esta entrevista será gravada em áudio e posteriormente será transcrita para análise dos dados. O conteúdo da mesma será utilizado na dissertação, mas sua identidade será mantida em sigilo.

ROTEIRO

- As entrevistas serão norteadas pelos seguintes temas:
- A posição do sujeito/professor e sua compreensão desde os primeiros tempos do aprendizado na educação infantil em sua história de vida.

- Percepção de si diante do aluno que foi: possibilidades de reconhecimento ou estranhamento.
- As relações feitas entre a apropriação de um saber referente ao campo profissional e as possibilidades da repercussão no cenário da sala de aula.
- Enlaces entre as facilidades e as dificuldades na constituição da subjetividade e a relação do sujeito professor/aluno frente ao infantil.
- Repercussão da formação e constituição da subjetividade docente e sua prática pedagógica.
- Traços de identificação e lembranças que marcam a trajetória do sujeito/professor e como o infantil se insere.

6º Encontro

Matutino:

O professor Bareicha começa perguntando sobre o tempo que teremos para a realização do Sociopsicodrama por conta do cuidado necessário com o mesmo. Ele explica que quando se faz algo na ordem do Psicodrama a pessoa vai entrando em um universo de memória, chamado de realidade suplementar, algo como o universo do sonho. E não podemos sair, despertar dessa realidade de uma vez. Por isso é preciso atentar-se ao tempo.

O Sociopsicodrama então se inicia com a leitura do texto Idade Escolar Normal do livro Volta ao Lar, tese de doutorado de um neo psicanalista. E neste dia o objetivo foi focar no campo da infância, da pré-adolescência e adolescência.

O professor Bareicha inicia a leitura das questões em voz alta para que o grupo o acompanhe, porém pede que respondam individualmente preenchendo o questionário que acompanhava o texto, buscando responder com sim ou não às questões, sem fazer uso do talvez.

No texto o autor afirma que se uma das questões acima teve sim como resposta provavelmente o respondente teve sua criança ferida na idade escolar. E há vários graus de ferimento. Quanto mais perguntas obtiverem sim como resposta mais sua criança está ferida. Após a leitura dessa afirmação o grupo de professoras se mostra agitado.

O próximo passo foi compartilhar, por quem se sentiu à vontade, as respostas das questões acima. O professor Bareicha destaca que seu interesse

é especialmente nas cenas lembradas, que tenha acontecido em ambiente escolar, e que compõe a visão que o sujeito tem de si. Ele lembra que todos têm na memória professores marcantes, fossem eles “bons” ou “ruins” e que talvez algumas das questões acima remetessem a memórias em que algum professor que o sujeito tenha tido faça parte.

Em seguida foi feito a contagem das professoras que responderam “sim” a cada questão, para que depois fosse visto os itens que a maior parte da turma tem em comum. Abaixo o quadro com o total de “sim” dado para cada questão:

QUESTÃO	1	2	3	4A	4B	5	6A	6B	7A	7B	8	9
SIM	2	3	6	3	5	2	3	6	2	2	1	6
QUESTÃO	10	11	12A	12B	13	14	15	16A	16B	17	18	-
SIM	5	1	6	2	1	0	5	1	1	1	2	-

Neste encontro haviam 15 professoras presentes. Nenhuma professora respondeu “sim” à questão 14, apontando que o grupo se percebe eficiente nas aptidões básicas da vida. As questões 3, 6B, 9 e 12A receberam o maior número de “sim”. Relembrando e analisando as questões citadas acima:

A questão 3 é a primeira que recebe o maior número de “sim” dentre as outras questões. A pergunta é: *Costuma sentir-se pouco à vontade em situações sociais?* Ainda que as questões tenham sido respondidas por professoras ativas que em seu cotidiano trabalha em grupo, seja liderando um, quando ministra aulas por exemplo, seja fazendo parte, quando está num grupo de professoras de uma escola. Há ainda um desconforto em estar em situações sociais, ou seja, nem a prática, envolvimento e vida escolar, tantas situações sociais as fazem ter tranquilidade em momentos assim. É possível ainda supor que este mal-estar tenha se dado em algum momento de suas vidas escolares como o próprio autor do texto coloca quando fala da criança ferida na idade escolar.

A segunda questão que mais professoras responderam “sim” foi a 6B, para relembrar coloco também a anterior: *6A - Frequentemente tem conflitos com seus companheiros de trabalho? 6B - E com as pessoas da família?* Lembrando que Freud mostra nos seus estudos as relações do paciente com sua família, e

mostra como os conflitos que temos muito estão ligados a relação com nossos familiares.

Em seguida a questão é a 9 - *Você sempre procrastina as coisas?* De que modo é possível pensar as interferências e consequências de uma vida escolar no âmbito do adiamento das atividades? Talvez as obrigações a nós repassadas desde o início da vida escolar, como os deveres de casa, tenham nos feito perder o gosto pelo cumprimento das tarefas, seja por chegar a nós de modo a ser uma obrigação, seja por serem atividades sem sentido e/ou significado. De todo modo é possível supor que sim, a vivência escolar tenha nos deixado marcas a fim de atualmente assumirmos tal postura.

A última questão a ser comentada como uma das questões que o grupo respondeu “sim” em sua grande parte é a 12A - *Tem muito medo de cometer erros?* Que apesar de ser acompanhada da 12B - *Sente-se extremamente humilhada quando é obrigada a constatar os próprios erros?* Não teve a mesma repercussão no grupo. Assim como na questão anterior é também possível traçar ligações desta questão do medo de errar com possíveis marcas deixadas pelas vivências escolares. Quem teve suas atividades avaliativas corrigidas de caneta vermelha com “X” apontando respostas erradas e talvez ainda hoje sinta medo, desconforto ou mesmo pânico ao passar por avaliações? São marcas deste tipo que a vida, escolar ou não, nos deixa e nós a carregamos fazendo releituras destas cenas, momentos que nos constituem.

Ao indagar se alguma das questões do questionário as remeteu a lembranças escolares, uma professora se manifesta. Para ela a primeira questão; *Você costuma se comparar com outras pessoas e sempre se sente inferior?* A fez lembrar de um momento que vivenciou em sala de aula no seu terceiro ano onde a professora regente decidiu falar das características dos alunos através da letra em sala de aula. A professora que faz esse relato se refere a essa atividade como “dinâmica muito infeliz” e continua falando em tom de deboche que na avaliação da sua ex-professora ela tinha complexo de inferioridade e complementa “isso numa turma de adolescente, é péssimo, é a pior coisa que você pode fazer”. O professor Bareicha interfere após a fala da professora para explicar que o complexo de inferioridade tem conceito diferente do que aprendemos no senso comum. E que significa que quando se tem alguma característica que te torna inferior ao outro, você a usa como motivação,

alavanca para ser tão bom ou melhor que os outros que não sofrem com tal inferioridade. Em seguida a professora que fez o relato afirma que “de certa forma foi o que ela fez”, se referindo ao conceito de complexo de inferioridade.

O próximo relato é de outra professora que se lembra de uma professora de matemática que teve na terceira e quarta série a quem ela tinha horror como ela mesma coloca. E conta uma prática cuja professora tinha em sala: cobrar a tabuada dos alunos de trás para frente, onde os alunos eram colocados em pé na frente da turma com os braços para trás. Em uma vez que foi cobrada a tabuada de oito, a professora conta que “engasgou, já não sabia mais” e que a “professora começou a me achincalhar. Como assim? Não sai nada dessa cara vermelha? Dessa cara bolachuda? Dessa cara de tomate? [...] Ela vinha e apertava assim – ela aperta as próprias bochechas – vai você não consegue falar? E as minhas bochechas ficavam mais vermelhas – E a professora continua – Olha que você vai ter um D de novo, você vai ficar de recuperação. E tem várias outras passagens com essa dona Ida [...] eu sempre tirava D, “D” de doido. Essa mulher era doida né?”

Outra professora traz uma memória vivida na UnB. Ela mesma intitula que é uma memória horrível. Explica que passou por transferência para a UnB vinda da Universidade Federal da Bahia. Conta que uma professora foi insensível com ela e a situação a marcou. Por precisar voltar a Bahia para visitar sua mãe que estava com câncer, ela faltou os primeiros dias de aula. E a professora da UnB a recebeu explicando que ela estava reprovada por conta das faltas, ainda que a explicação fosse plausível.

Após dar o comando às professoras de que escolhessem um sentimento para intitular a memória compartilhada o professor Bareicha as escuta. Para uma o sentimento foi de inferioridade ao ter sua personalidade analisada por uma professora para toda turma a partir de sua letra. Outra memória é intitulada com o sentimento raiva, quando ouve insensibilidade por parte de uma professora.

Uma professora que ainda não havia relatado decide então contar uma memória que passou em uma aula de matemática. Seu professor da sétima série era chato e queria sempre silêncio, segundo o relato. Um dia algum colega assobiou e ele começou a gritar muito em sala. A situação já estava insuportável e ela decidiu se comprometer assumindo o que não havia feito. O resultado foi que o professor ficou com bastante raiva da professora que segundo ela não

dava “trabalho” em sala e acrescentou que os pais dela nunca foram chamados na escola para nada, mas afirma que a experiência foi de certa forma libertadora. Por que a partir dela o medo que ela tinha do erro foi substituído pela sensação de liberdade e acrescenta que seu aprendizado na disciplina melhorou.

O professor Bareicha esclarece que o autor deste questionário quis identificar as feridas que o período escolar causou na pessoa.

O Bareicha pergunta: quais são os remédios que vocês encontraram a partir dessas vivências? Encontramos as seguintes respostas: superação, amorosidade, estar com/estar só, tranquilidade, reconhecer-se. Contando as vivências os sentimentos foram: constrangimento, inferioridade, raiva, medo.

Uma professora pontua que essas experiências vêm para nos fortalecer e que enquanto adultos precisamos cuidar, fortalecer essas crianças – as que encontramos em sala.

A professora Inês lembra o que Lajonquière explica: O adulto precisa fazer as pazes com sua criança interior. E a professora anterior lê um poema que esta em seu caderno:

“Nessa vida, pode-se aprender três coisas de uma criança:

Estar sempre alegre,

Nunca ficar inativo,

E chorar com força pelo o que se quer.”

9º Encontro

Neste encontro encerramos o curso. Num primeiro momento lemos uma citação da Cifali que foi comentada pela professora Inês Almeida: *“A Cifali faz o quê? Se não dizer para nós que quando você está educando, seja o seu aluno na creche até a pós-graduação, eu estou me vendo – no aluno – na verdade o aluno é um espelho. E nós temos que fazer as pazes com a criança que está dentro de nós, ‘pra’ eles não fazerem acerto de conta [...] porque é um processo inconsciente. Você sofreu? Ah! Vou descontar, e principalmente onde desconto? Na avaliação, na prova, né?”*. Esta fala dele nos clareia como nós, nossa criança interior reage diante da outra, nossa aluna. Apontando a avaliação como a principal “arma” do professor, que por meio dela ele pode fazer exigências

descabidas ou injustas, não antes trabalhadas, apresentadas ao aluno, como forma de punição daquele sujeito que está ali e reflete um pouco de nós, onde nos reconhecemos ou não.

Depois encaminhamos o encontro para a apresentação de um vídeo pout pourri, chamado *Ao mestre, com carinho*, feito por ex-orientandas da professora Inês Almeida para um curso de formação de professores, um grupo chamado Memórias-Vivas. A professora Inês faz referência a um trecho do filme Sociedade dos Poetas Mortos em que o professor Keating sobe na mesa no intuito de se lembrar e mostrar aos alunos que constantemente temos que mudar nosso ponto de vista e a professora esclarece que não necessariamente devemos subir na mesa literalmente, mas subir metaforicamente nos “ombros” de pensadores para mudar nosso olhar indicando a importância da formação continuada.

Agradecemos ao grupo de professoras pelo acolhimento, aceitação do curso, participação com a escrita da memória educativa e especialmente pela entrega e confiança em relatar suas memórias. Para finalizar pedimos que preenchessem a avaliação do curso e confraternizamos.

MATERIAIS UTILIZADOS NO ENCERRAMENTO:

O LUGAR DO INFANTIL NA MEMÓRIA EDUCATIVA: IMPLICAÇÃO E REFLEXÃO EM ESCRITA E AÇÃO

Uma das especificidades dessa profissão reside no encontro com uma, com várias crianças, quer sejam de nossa carne quer não nos sejam nada, mas que nos olham num face a face inevitável. Aquele que suporta o ato de educar, certamente, já o afirmaram, não se confrontaria somente com a criança viva para a qual formula um projeto, mas também e, sobretudo com a criança que era, conforme uma lembrança idealizada que guarda – a criança “recalcada” que o inspira na maioria de suas reações. Quando usa meios que opõem a si mesmo, fixa-se neles mais do que crê nas suas próprias necessidades pulsionais, se bem que os justifique frequentemente com racionalizações: é para o teu bem. Este laço educativo não estaria isento de projeções imaginárias, de ilusões e

exageros; nele dominam, soberanos, as compulsões inconscientes e os desejos insatisfeitos, uma história maquiada que não para de se repetir; todas as falsas razões do jogo do amor e do ódio com essas violências que não dizem seu nome. Os sentimentos estão lá onipresentes, escapam a uma lógica racional. O outro-criança acorda não mais o espírito científico que nele se encontra, mas as suas forças inconscientes. Como no sonho, a relação com a criança convoca as forças do avesso. Assim, necessitar-se-ia contar com aquele que diz educar cujo ato depende dele, um ser humano, um comum dos mortais. Sua subjetividade seria desde um bastião de resistência a um conhecimento da realidade. Tornaria do mesmo modo mais compreensível o fato que um desejo de lógica e que um amor à verdade sejam então mal-estares a preservar.

(CIFALI, 1987, p. 128-129).

Vídeo *Pout Pourri* **Ao mestre, com carinho.**

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

Filmes:




Ao Mestre Com Carinho;
Bang Bang, Você Morreu;
Central Do Brasil;
Harry Potter e o Cálice De Fogo;
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban;
Invasões Barbarás;
Mr Holand, Adorável Professor;
O Carteiro e o Poeta;
O Sorriso De Monalisa;
Procurando Nemo;
Sociedade Dos Poetas Mortos;
Vem Dançar.

Músicas:

Pink Floyd – The Wall;
The Beatles – All you need is love;
The Beatles – Day Tripper.

Prezada Cursista,

Sua colaboração no preenchimento da avaliação é muito importante.

AVALIAÇÃO			
Sentimento geral ao longo do curso			
Repercussões do que foi trabalhado			
Experiência da retomada de sua memória educativa			
Auxílio do curso em seu trabalho			
Interesse em dar continuidade nos estudos deste tema			
Sentimento na realização do Sociopsicodrama			

PARA REFLETIR E DISSERTAR:

O que o curso suscitou em você? Percebeu efeitos no seu trabalho?

8º Encontro

Matutino:

Fiz a contação da história da Carlota Bolota da autora Cristina Porto, para toda a turma. A história foi bem aceita e a partir dela pedi que os alunos, compareceram sete dos oito autorizados, resgatassem uma lembrança boa ou não que tenha ocorrido na escola, fosse nos anos anteriores, em outras escolas ou com outros colegas e professores. Assim como a Carlota faz o seu álbum da vida com fotos selecionadas a partir de histórias bonitas, engraçadas ou que não tenham sido tão legais, pedi que eles fizessem uma foto, um desenho, da memória educativa lembrada.

Nessa turma as memórias foram principalmente de festa junina que recentemente havia acontecido na escola. Referindo-se as brincadeiras, comidas e danças que ocorreram na festa. Outra memória contada sobre um dia em que nesta escola foi colocado um campo de futebol de sabão inflável, em que toda a turma participou do jogo, e o sujeito dessa memória lembra com graça que estava vestido de sunga na escola. Outra memória foi do primeiro dia do aluno nesta escola, que aconteceu no ano anterior. Ele conta que jogando futebol com a nova turma fez um gol e também se machucou. Em outra memória a aluna conta de uma festa aula que a escola promove uma vez por ano. Nesta festa toda escola se reúne e aproveita as atrações. No desenho a atração pintada é um escorregador inflável.

9º Encontro

Vespertino:

Nesta turma também fiz a contação da história da Carlota Bolota. Nas duas turmas gravei o áudio desde o comando da atividade até a explicação dada pelos alunos dos seus desenhos. Foram quatro alunos autorizados e todos estavam presentes no dia.

Houve memórias de momentos de aprendizagem com seus pares, como colegas maiores ajudando a subir num brinquedo da escola. Outros lembraram-se de seus aniversários que aconteceram na escola e em sala de aula. Houve também a lembrança de um conflito, disputa por amizade de um colega. Memórias que, assim como das professoras desta escola, remetem à pessoas e sentimentos, afetividade e momentos com seus pares.

II. ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente percebemos que a escrita da memória educativa repercutiu para as professoras/pedagogas de uma forma profunda, deixando-as emocionadas ao buscarem lembranças da época em que cursaram a educação básica e/ou o ensino superior.

E digo aqui emocionada: obrigada aos meus queridos professores e colegas. Sou melhor com vocês, todos os dias. (Professora PG)

O motivo de algumas lecionarem atualmente é por terem tido em sua trajetória escolar educadores que as marcaram de forma a serem exemplos que as mesmas decidiram se espelhar e seguir. A aprendizagem não está alicerçada nos conteúdos, mas sim na relação que se estabelece entre professor e seus alunos, logo isso pode favorecer ou não o processo de aprendizagem, independente dos conteúdos (KUPFER, 2007).

Conclui a primeira série sem dificuldades e sai alfabetizada graças à professora Gisele a qual tenho muito carinho. (Professora PK)

O primeiro ano cursei o Jardim em seguida o prezinho (alfabetização) com a mesma professora, seu nome era Irany. Calma, paciente, extremamente organizada, séria e afetiva sem exageros. (Professora PR)

O educador é exemplo para o aprendiz com quem ele está em contato. Nas memórias educativas, é possível ler relatos como “*meus professores sempre foram meus exemplos*”, “*recebemos aula de formação humana*”, “*esta filosofia caminha comigo*”.

Muitas vezes os cursos de formação de pedagogos preocupam-se demais com métodos de ensino, mas esquecem de preparar esse profissional para alguns aspectos da sua filosofia de trabalho, ou seja, é preciso perceber que o pedagogo tem a função de ocupar uma posição de “Ideal-do-Eu” (KUPFER, 1999), de modelo para a criança (Costa e Mota, 2011), é nesse ponto que precisamos da Psicanálise como uma forma de clarear o pensamento do educador, para que esse possa estar em uma constante interrogação da sua prática, a cada dia e cada experiência com crianças (Costa e Mota, 2011).

Meu primeiro dia de aula como professora deparei-me com um aluno infernal, tagarela, não parava quieto, colocava o relógio de pulso no tornozelo. Via-me naquela criança, o espelho não engana [...] Ele foi meu primeiro professor ao sair da faculdade, obrigada Marcelo. (Professora PR)

As professoras/pedagogas ao relatarem suas memórias ou refletirem sobre sua atual prática pedagógica reconhecem e identificam nela posturas de educadores que tiveram. Notamos que a escrita da memória educativa se mostrou um eficaz dispositivo de conscientização para os educadores sobre suas práticas pedagógicas. Como Costa e Mota apontam é importante que pedagogos procurem refletir sobre as teorias psicanalíticas e a Educação, e possam avançar reconhecendo que a Psicanálise além de uma ciência que pode servir como um tipo de olhar crítico para o educador, possibilita que esse consiga enxergar de forma mais clara os diversos comportamentos dentro do processo de desenvolvimento da criança. Podendo também o educador se ver e estar consciente de si neste processo.

Pelo menos não haviam professoras que olhavam com julgamentos [...] De todas as memórias, as mais importantes, são os olhares atravessados que recebi de docentes que passaram por mim [...] Pois o que aprendi de mais significativo é como eu olharia para as pessoas ao meu redor, principalmente as

crianças que como eu, esperam um olhar de acolhimento para suas angústias, esperam um colo para o mundo que carregam. (Professora PC)

Ruben Alves fala sobre a Educação do Olhar, que se aplica ao olhar dos professores em relação aos alunos num vídeo disponível na internet:

“Como é que o professor olha para o aluno? Há olhares que têm poder para destruir. A inteligência de um aluno pode ser destruída por um olhar zombeteiro. Há certos olhares que são proibidos, olhar de raiva, de zombaria, de caçoada. O que eu pediria de cada professor é que eles tivessem um olhar manso, nada mais do que isso. Que eles tivessem um olhar manso por quê se tiverem um olhar que produz medo não haverá aprendizagem, por quê é impossível de se aprender com medo. ”

Agradeço a todas as vivências que tive, das mais dolorosas as mais suaves, pois elas me ajudaram a construir o que sou, uma professora que olha para a criança, e busca um vínculo de ligação com aquele universo de possibilidades. (Professora PC)

Para os educandos do 2º ano que relataram sua memória educativa, os eventos que ocorrem na escola tais como festas junina, aniversários próprios ou de colegas de classe, comemoração do dia das crianças, ou momentos que tiveram com seus pares em brincadeiras ou aprendizagens entre eles predominam como memórias educativas profundas, agradáveis e/ou que primeiro se recordam. Para algumas professoras/pedagogas o mesmo ocorre.



Figura 1 – Desenhos feitos por educandos do 2º ano do Ensino Fundamental I de suas memórias educativas

1. Festa Aula: todos os (as) alunos (as) da escola juntos num dia de lazer.
2. Festa Junina: ocorrida na escola em 2016.
3. Futebol de sabão na escola: alunos (as) da mesma turma jogando juntos.
4. Festa surpresa em sala de aula: comemoração do aniversário de um aluno.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na profissão de professor o dever é ensinar, ainda que em alguns momentos somos nós quem aprendemos com os alunos. Para além do conteúdo concluímos que outras marcas afetam os sujeitos foco de nosso trabalho e dedicação. Nesta via de mão dupla: ensino-aprendizagem, do outro lado está o aprendiz, às vezes também professor, aprendendo por amor ou rejeitando o que oferecemos. Somos para estes sujeitos exemplo, referência, modelo de ser humano que, como Freud nos lembra em uma reflexão sobre o mestre, ora somos cortejados por nossos alunos, ora nos viram as costas, eles imaginam em nós simpatias e antipatias que talvez nem tenhamos e sendo para eles modelo de ser humano, estudam nossos caracteres e vão, a partir daí, formar ou “deformar” os seus.

As memórias e marcas que resultam desta relação professor-aluno ao longo de nossa vida acadêmica vão nos constituindo, pois como Freud observa, quando alunos estudamos não só o conteúdo formal senão, também, o conteúdo que o professor ser humano, com suas memórias, marcas, vivências, experiências, valores, tem e se apresenta para nós nos ensinando mais que conteúdos sistematizados. Refletindo sobre os resultados desta pesquisa podemos concluir que ser professor é uma profissão que afeta e se mostra determinante na vida das pessoas. Revelando que lecionar é para além de expor conteúdos se expor, é ser referência para outrem, é influenciar em suas escolhas de vida, seus planos e objetivos, mudando assim o rumo de várias histórias, não sendo o professor apenas protagonista destas mudanças, mas talvez a causa transformadora.

O Sociopsicodrama foi ímpar em nossa busca de evocar memórias educativas. Processos e dinâmicas que levaram os sujeitos das pesquisas para um tempo passado como se fosse o presente, e assim reviveram sentimentos, fizeram releituras de suas memórias, se emocionaram comprovando nossas hipótese de que a dimensão do amor, da presença e da palavra, na transmissão de ensinamentos é importante e necessária, assim como o discurso amoroso na educação possibilita a transmissão não padronizada, valorizando a dimensão inconsciente nas relações de ensino-aprendizagem, reconhecendo que cada sujeito é único.

No planejamento, estudo e dedicação diários a esta profissão o professor consciente do discurso amoroso como facilitador de aprendizagem encontra na Psicanálise uma aliada para compreender e focar nos processos emocionais existentes nestes sujeitos humanos aprendizes. Por fim concluímos que a dimensão emocional que se apresenta fortemente na relação professor-aluno, aluno-conteúdo, conteúdo-vivências não deve ser deixada de lado senão levada em consideração e com seriedade tanto quanto os processos intelectuais são valorizados em nossa atual sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. M. Z. P. *O Ser infante e o Ser professor na memória educativa escolar*. In Anais do IV Colóquio do LEPSI IP/FE-USP. São Paulo, 2002.
- ALVES, Ruben. Vídeo *Aprender a ser*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ykTVjILFy-I>>. Acesso em: 4 de julho de 2016.
- COMENIUS, J. A. *Didática magna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- COSTA, André Júlio; MOTA, Maria Veranilda Soares. *Psicanálise e educação e a formação do pedagogo*. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032010000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 4 de julho de 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Vol XIII 1976 [1913-1914]. Tradução de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III). Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1916] (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).
- KUPFER, M. C. M. *Educação para o Futuro: Psicanálise e educação*. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2007.
- MACIEL, Luis Carlos, "Sartre vida e obra", Editora Paz e Terra, 1986.
- MARINO, Marília J. *Sociopsicodrama do papel de pesquisador: - da relação com o que se dá na experiência, a um rigor em construção*. Monografia. PUCSP Anais IV 2010 SIPEQ – ISBN - 978-85-98623-04-7.
- MENDONÇA FILHO, João Batista. Ensinar: do mal-entendido ao inesperado da transmissão. In: LOPES, Eliane Murta Teixeira. (Org.) *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno: O que é, como se faz*. Tradução de Gilmar Saint'Clair Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

- MORENO, Jacob Levy. *Psicomúsica e sociodrama*. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- PRAZERES, SANDRA M. G. *Constituição da Subjetividade docente: as implicações na prática educativa*. Maio/2007. 227 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.
- SANTOS, Talyta Reis dos. *O lugar do infantil na formação de professores e alunos das séries iniciais*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2013.
- SQUARISI, Katilen Machado Vicente. *O infantil na constituição da subjetividade: o memorial educativo de professores em escrita e ação*. Março/2016. 54 folhas. Dissertação / Mestrado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2016.
- TANIS, B. *Memória e temporalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores de idade



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

<p>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE</p>
--

Este aluno(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo **PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO: ENSINA-SE POR DEVER, APRENDE-SE POR AMOR** e que tem como objetivo, a partir de conceitos psicanalíticos, analisar a importância da dimensão do amor, da presença e da palavra, na transmissão de ensinamentos. Acreditamos que a pesquisa é importante porque é preciso divulgar, esclarecer, conscientizar sobre o conceito de *transmissão* sob um olhar psicanalítico, dos possíveis efeitos e importância na formação/atuação de professores nos anos iniciais de escolarização.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

A participação do(a) aluno(a) no referido estudo será de falar sobre a sua memória educativa, momentos que o(a) tenha marcada durante seus anos escolares. Faremos esta atividade em sala.

SIGILO E PRIVACIDADE

Estou ciente de que a privacidade do(a) aluno(a) será respeitada, ou seja, seu nome, imagem ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. A pesquisadora se responsabiliza pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

AUTONOMIA

É assegurado o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação deste(a) aluno(a). Também fui informado(a) de que posso recusar a participação do(a) aluno(a) no estudo, ou retirar o consentimento a *qualquer* momento, sem precisar *justificar*.

CONTATO

A pesquisadora envolvida com o referido projeto, **Maria Cláudia Aguiar da Silva**, estudante de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília que está sob a orientação da professora Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida e com ela poderei manter contato pelo e-mail **silva.mariaclaudia@hotmail.com**.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações deste termo através do contato aqui encontrado da pesquisadora. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento do(a) aluno(a) pelo qual sou responsável em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Idade:	

Dados do responsável pelo participante da pesquisa	
Nome:	
Telefone:	

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do responsável pelo
participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

USO DE IMAGEM

Autorizo o uso dos dados, imagem e áudio do(a) aluno(a) pelo qual sou responsável para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito a construção deste trabalho acadêmico.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

Apêndice B: Planejamento de Atividades



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

Pedagogia – Programa de Iniciação Científica da UnB – ProIC

Pesquisadora: Maria Cláudia Aguiar da Silva Matrícula: 11/0063856

Orientadora: Professora Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

24 de junho de 2016

Planejamento das Atividades

1. PROPOSTA: trabalhar com a memória e história de vida escolar dos(as) alunos(as) para compor a minha pesquisa sobre PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO: ENSINA-SE POR DEVER, APRENDE-SE POR AMOR para o Programa de Iniciação Científica da UnB – ProIC e escrita do meu trabalho de conclusão de curso.
2. DATA DE EXECUÇÃO: 5 de julho de 2016 no horário de aula do(a) aluno(a) autorizado(a), na Escola Classe 304 norte.
3. EXECUÇÃO:
 - PARTE 1 – Partindo da contação resumida do livro *Carlota Bolota* da autora Cristina Porto, o que levaria por volta de 40 minutos.
 - PARTE 2 – Farei uma ligação da história de Carlota com um resgate da memória dos(as) alunos(as).
 - PARTE 3 – Assim possivelmente farei as seguintes perguntas aos alunos(as):
 - Qual a sua lembrança mais antiga da escola?
 - Quando perguntam sobre a escola, qual é a primeira coisa que você lembra?
 - Qual memória/lembrança escolar é marcante para você?

- Você considera esta memória boa ou ruim? Por quê?
- PARTE 4 – Depois pedirei que desenhem a própria memória escolhida como uma fotografia, assim como a Carlota faz na construção do seu álbum de vida e me relatem (ouvirei cada um em particular) sobre o significado do desenho que fizeram para avaliação posterior.
- Como um recurso auxiliar gravarei apenas o áudio durante toda a atividade.

Apêndice C: Atividade final do curso de extensão “O lugar do infantil na memória educativa: implicação e reflexão em escrita e ação”

Coordenação: Profa. Dra. Inês Maria M. Z. P. de Almeida

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Orientação: Mestrado: Katilen Machado Vicente Squarisi

Graduação: Maria Cláudia Aguiar da Silva

6 de julho de 2016

ENCERRAMENTO DO CURSO
O LUGAR DO INFANTIL NA MEMÓRIA EDUCATIVA:
IMPLICAÇÃO E REFLEXÃO EM ESCRITA E AÇÃO

Uma das especificidades dessa profissão reside no encontro com uma, com várias crianças, quer sejam de nossa carne quer não nos sejam nada, mas que nos olham num face a face inevitável. Aquele que suporta o ato de educar, certamente, já o afirmaram, não se confrontaria somente com a criança viva para a qual formula um projeto, mas também e, sobretudo com a criança que era, conforme uma lembrança idealizada que guarda – a criança “recalcada” que o inspira na maioria de suas reações. Quando usa meios que opõem a si mesmo, fixa-se neles mais do que crê nas suas próprias necessidades pulsionais, se bem que os justifique frequentemente com racionalizações: é para o teu bem. Este laço educativo não estaria isento de projeções imaginárias, de ilusões e exageros; nele dominam, soberanos, as compulsões inconscientes e os desejos insatisfeitos, uma história maquiada que não para de se repetir; todas as falsas razões do jogo do amor e do ódio com essas violências que não dizem seu nome. Os sentimentos estão lá onipresentes, escapam a uma lógica racional. O outro-criança acorda não mais o espírito científico que nele se encontra, mas as suas forças inconscientes. Como no sonho, a relação com a criança convoca as forças do avesso. Assim, necessitar-se-ia contar com aquele que diz educar cujo ato depende dele, um ser humano, um comum dos mortais. Sua subjetividade seria desde um bastião de resistência a um conhecimento da realidade. Tornaria do mesmo modo mais compreensível o fato que um desejo de lógica e que um amor à verdade sejam então mal-estares a preservar.

(CIFALI, 1987, p. 128-129).

Vídeo *Pout Pourri*
Ao mestre, com carinho.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:




Filmes:

Ao Mestre Com Carinho;
Bang Bang, Você Morreu;
Central Do Brasil;
Harry Potter e o Cálice De Fogo;
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban;
Invasões Barbarás;
Mr Holand, Adorável Professor;
O Carteiro e o Poeta;
O Sorriso De Monalisa;
Procurando Nemo;
Sociedade Dos Poetas Mortos;
Vem Dançar.

Músicas:

Pink Floyd – The Wall;
The Beatles – All you need is love;
The Beatles – Day Tripper.

Prezada Cursista,
Sua colaboração no preenchimento da avaliação é muito importante.

AVALIAÇÃO			
Sentimento geral ao longo do curso			
Repercussões do que foi trabalhado			
Experiência da retomada de sua memória educativa			
Auxílio do curso em seu trabalho			
Interesse em dar continuidade nos estudos deste tema			
Sentimento na realização do Sociopsicodrama			

PARA REFLETIR E DISSERTAR:

O que o curso suscitou em você? Percebeu efeitos no seu trabalho?

ANEXOS

Anexo A: Entrevista semiestruturada



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prezado (a) professor (a),

O objetivo desta entrevista é levantar dados de sua vida pessoal e profissional para analisar a influência destes sobre a sua prática pedagógica e constituição subjetiva.

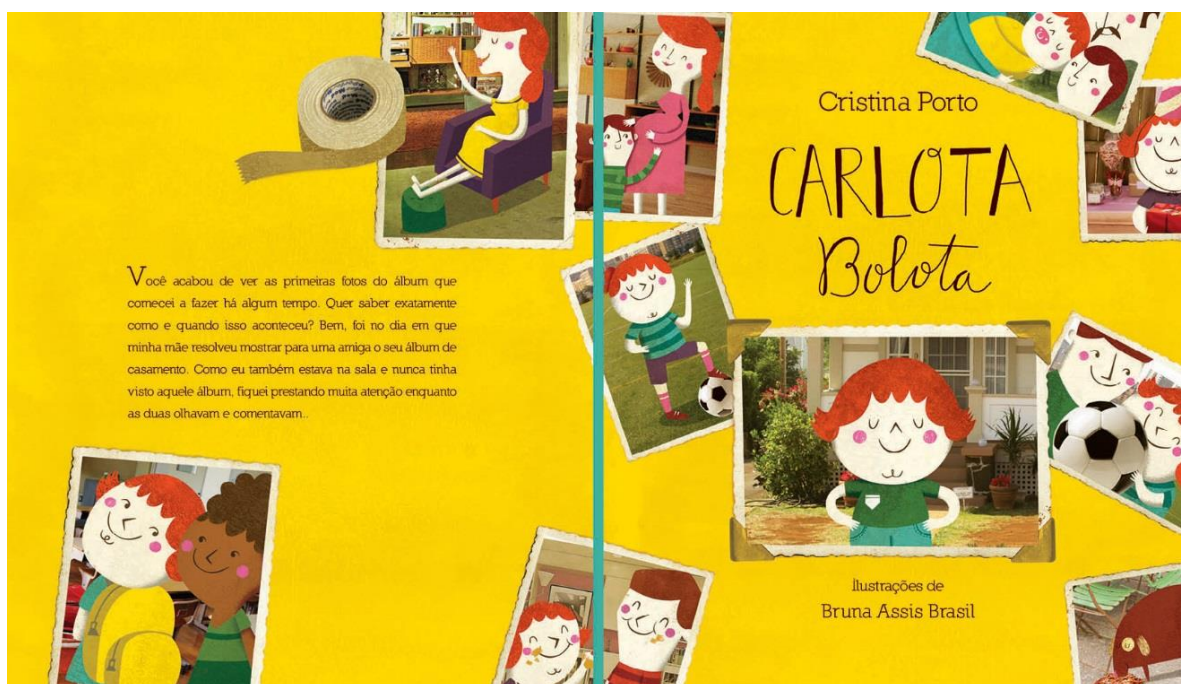
Com o seu consentimento, esta entrevista será gravada em áudio e posteriormente será transcrita para análise dos dados. O conteúdo da mesma será utilizado na dissertação, mas sua identidade será mantida em sigilo.

ROTEIRO

- As entrevistas serão norteadas pelos seguintes temas:
- A posição do sujeito/professor e sua compreensão desde os primeiros tempos do aprendizado na educação infantil em sua história de vida.
- Percepção de si diante do aluno que foi: possibilidades de reconhecimento ou estranhamento.
- As relações feitas entre a apropriação de um saber referente ao campo profissional e as possibilidades da repercussão no cenário da sala de aula.
- Enlaces entre as facilidades e as dificuldades na constituição da subjetividade e a relação do sujeito professor/aluno frente ao infantil.
- Repercussão da formação e constituição da subjetividade docente e sua prática pedagógica.
- Traços de identificação e lembranças que marcam a trajetória do sujeito/professor e como o infantil se insere.

Obrigada pela colaboração!

Anexo B: Livro Carlota Bolota da autora Cristina Porto e ilustrações de Bruna Assis Brasil




Anexo C: Folder-frente


"O homem é dono do que cala e escravo do que fala. Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo." Freud

Coordenação
Profª Drª. Inês Maria M. Z. P. de Almeida
Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Orientação
Katilen Machado Vicente Squarisi
(orientanda – mestrado)
Maria Cláudia Aguiar da Silva
(orientanda – graduação)

Realização

Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Extensão
Faculdade de Educação FE – UnB

O LUGAR DO INFANTIL NA MEMÓRIA EDUCATIVA: IMPLICAÇÃO E REFLEXÃO EM ESCRITA E AÇÃO.


www.psicologiaonline.com.br

Período: 13/04 a 06/07/2016
Local:
Brasília - DF

Anexo D: Folder-verso

1º ENCONTRO

- Apresentação da pesquisa
- Palestra inicial: Conhecendo a Psicanálise – criador e criação.

2º ENCONTRO

- Memória Educativa
- O lugar da memória na Psicanálise
- Constituição da Subjetividade e o infantil freudiano.
- Articulações Memória e Sociopsicodrama.

3º ENCONTRO

- Realização do Sociopsicodrama

4º ENCONTRO

- Entrevistas semiestruturadas

5º ENCONTRO

- Realização do Sociopsicodrama

6º ENCONTRO

- Realização do Sociopsicodrama

7º ENCONTRO

- Encerramento
- Falas dos participantes

Horas indiretas

- Elaboração da memória educativa.
- Roteiro de Análise dos filmes indicados
- Leituras prévias de textos selecionados

Sugestão de filmes:

- Freud Além da Alma
- Sigmund Freud: a invenção da Psicanálise
- Minha vida em cor de rosa

Carga horária

Horas diretas: 20
Horas indiretas: 60
Total: 80

Referências

ALMEIDA, Inês Maria M. Z. Pires de. **Ressignificação da Psicologia da Educação na Formação de Professores de Ciências e Matemática**. Tese de doutorado. IP-UnB (2001).

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

TANIS, Bernardo. **Memória e Temporalidade**. Sobre o infantil em psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

LAJONQUIÈRE, L. D. **Infância e ilusão (Psico)Pedagógica. Escritos de psicanálise e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARRA, M. M.; FLEURY, H. J. **Sociodrama, um método, diferentes procedimentos**. São Paulo: Ágora, 2010.

MONTEIRO, A. M.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. **Pesquisa quantitativa e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2006.

Referências complementares ao longo do curso

Anexo E: Memória educativa do ALUNO G1



Fonte: a autora

Anexo F: Memória educativa do ALUNO G2



Fonte: a autora

Anexo G: Memória educativa do ALUNO G3



Fonte: a autora

Anexo H: Memória educativa do ALUNO G4



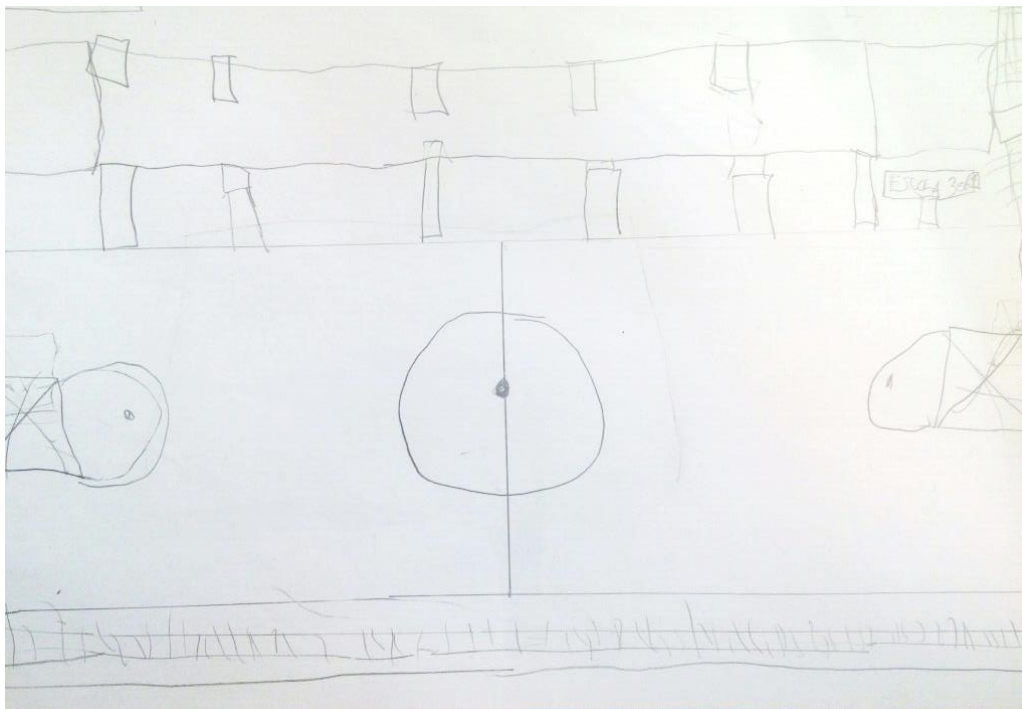
Fonte: a autora

Anexo I: Memória educativa do ALUNO G5



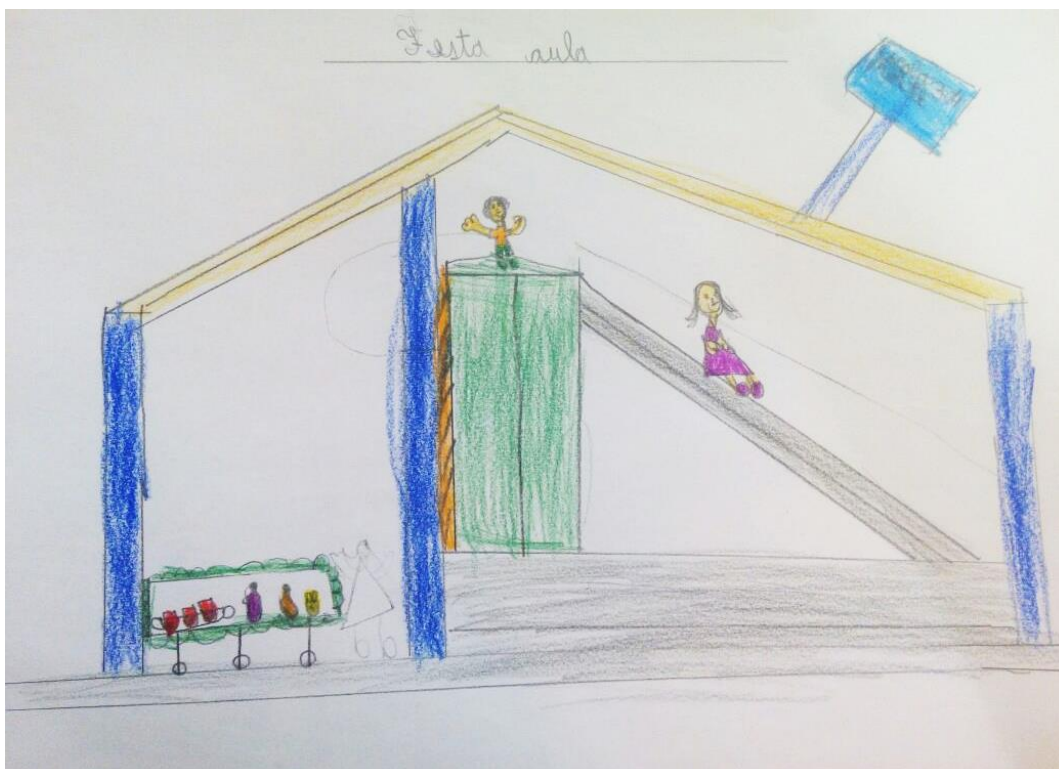
Fonte: a autora

Anexo J: Memória educativa do ALUNO G6



Fonte: a autora

Anexo K: Memória educativa do ALUNO G7



Fonte: a autora

Anexo L: Memória educativa do ALUNO K1



Fonte: a autora

Anexo M: Memória educativa do ALUNO K2



Fonte: a autora

Anexo N: Memória educativa do ALUNO K3



Fonte: a autora

Anexo O: Memória educativa do ALUNO K4



Fonte: a autora

Anexo P: Memória Educativa



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Instrumento: Elaboração da Memória Educativa

Prezado(a) professor(a),

Propomos como elaboração de sua memória educativa uma imersão em sua trajetória de vida como estudante, resgatando na sua história, tempos, episódios, situações, pessoas, imagens, processos dessa experiência, quer sejam de aspectos positivos ou não.

Faça um reolhar a essa trajetória e reorganize criticamente suas representações e sentimentos que marcaram sua caminhada como aluno e que se inscrevem hoje na sua prática docente.

Percurso possível:

- Inicialmente percorra suas sensações, quer sejam visuais, olfativas, auditivas, táteis, afetivas e tantas outras que constituem suas experiências infantis. Registre tudo.
- Retome seu processo de escolarização, pontuando:
 - o(a) professor(a) de que mais, ou menos, gostou;
 - as disciplinas com as quais mais se identificou e aquelas em que teve grandes dificuldades (quanto à aprendizagem);
 - os conteúdos aprendidos prazerosamente ou dolorosamente;
 - as atividades realizáveis com gosto e sucesso e outras de forma indesejável ou com insucesso;
 - como os conteúdos foram ensinados/ aprendidos e metodologias que deixaram marcas positivas e negativas;

- as relações professor-aluno (comunicações, estilos, posturas dos/as professores/as)
- o processo avaliativo (modalidades/frequência);
- o ambiente escolar (aspectos físicos, lugares, infraestrutura pedagógica, aspectos relacionais/ intrapessoais);
- a relação família/escola/sociedade;
- como você se sentia como aluno(a).

- Presentifique sua análise, observando:

- como me percebo diante dessa constituição ao longo de tantos anos e com diferentes modos de ensinar;
- dificuldades existentes entre o que e o como me foi ensinado e os meus procedimentos e posturas atuais em sala de aula.
- razões que determinaram minha escolha profissional a partir dessa vivência e do meu processo de formação;
- como ressignifico, hoje, os papéis do(a) professor(a) e do(a) aluno(a) a partir das minhas experiências escolares anteriores?

Escreva sem limites de espaço para o seu registro. Pode-se incluir imagens (desenhos, filmes e fotos) de sua trajetória que o auxiliem a revivê-la. Uma boa viagem através dos caminhos mnemônicos da sua historicidade.

Para facilitar sua escrita, apresentamos um diagrama que poderá ajudá-lo(a) a situar-se no curso de sua trajetória de aluno a professor, ao longo do ciclo vital.

Trata-se de uma espiral das interações com o mundo escolar no qual se desenvolveu o processo formal de ensino-aprendizagem. Essa espiral reflete uma dinâmica sequencial integrativa: os processos de ensino-aprendizagem ocorrentes em cada fase são incorporados às vivências dos estágios seguintes, num nível crescente de complexidade.



Esse espiral foi inspirado no módulo comum (Imersão no processo educativo das ciências e da matemática) coordenado pelas professoras Inês Maria.M.Z.P.de Almeida e Maria Alexandra M. Rodrigues, no ano de 1998, pela Universidade Aberta do Distrito Federal.

Anexo Q: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
portador da identidade: _____, abaixo qualificado,
DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito da pesquisa,
que fui devidamente esclarecido a respeito do projeto de pesquisa, versando sobre o
infantil na constituição da subjetividade: o memorial educativo de professores em
escrita e ação, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de
Almeida, do curso de Mestrado em Educação da Universidade de Brasília, quanto aos
seguintes aspectos:

- Justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- Garantia do esclarecimento antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia utilizada;
- Liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo do seu cuidado.
- Garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-se absoluta privacidade.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente participar desta pesquisa.

Brasília, _____ de _____ de 2016.

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sujeito objeto da pesquisa: _____

Identidade: _____ data de nascimento ____/____/____ Sexo ()M ()F

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: _____

Assinatura do declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Declaro para os fins de realização de pesquisa, ter elaborado esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização dessa pesquisa.

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Katilen Machado Vicente Squarisi